



A Trindade

05

BÍBLIA

“Para
destruíres os
que destroem a
terra”

23

HERMENÊUTICA

Ouvidos para
ouvir

46

**PÁGINA
DA FAMÍLIA**

Unidade
na Família

PUBLICADORA SERVIR
FEVEREIRO 2026
N. 945 | ANO 87



“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**

DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publishadora SerVir, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
**CAFILESA – SOLUÇÕES GRÁFICAS, LDA.
VENDA DO PINHEIRO**

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
1	[2]	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
[22]	[23]	24	25	26	27	28

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

31/1-7/2 SEMANA DE ORAÇÃO DA FAMÍLIA

7 E 8 III ENCONTRO NACIONAL DE SECRETÁRIOS

13-17 CONGRESSO NACIONAL JA

15 FEIRA DE VOCAÇÕES – GPS

21 DIA NACIONAL DO ANCIANATO

22 FORMAÇÃO SAL

23 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO ONLINE

27/2-1/3 ENCONTRO NACIONAL DE DELEGADOS DA ADRA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

2-6 ASSOCIAÇÃO DA ESLOVÁQUIA (CSU)

9-13 PUBLICADORA SERVIR (PTU)

16-20 LAR DE TERCEIRA IDADE DE FRIEDENSAU (NGU)

23-27 PUBLICADORA EDIZIONI ADV (ITU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[2] SEGUNDA-FEIRA

[23] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[22] DOMINGO

março

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	[3]	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1-3 FORMAÇÃO “PLANO PARA DEIXAR DE FUMAR”

7 DIA INTERNACIONAL DE ORAÇÃO DA MULHER

8 FORMAÇÃO SAL

14-21 SEMANA DE ORAÇÃO JA

21 DIA GLOBAL DA JUVENTUDE E DA CRIANÇA

29 ENCONTRO ONLINE ACOLHIMENTO E RECEÇÃO (MINISTÉRIOS DA MULHER)

30 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO ONLINE

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

2-6 ASSOCIAÇÃO DA MOLDÁVIA (ROU)

9-13 ASSOCIAÇÃO DA MORÁVIA-SILÉSIA (CSU)

16-20 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA ALEMÃ (SWU)

23-27 SEMANA DE ORAÇÃO DA JUVENTUDE ADVENTISTA (EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[3] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Deus é amor que se relaciona

05

BÍBLIA

“Para destruíres os que destroem a terra”

Um texto para o nosso tempo?

11

TEOLOGIA

A Trindade

A exploração de um tema teológico central!

19

EVANGELISMO

Missio Dei

A missão da Igreja deve ser a missão de Deus.

23

HERMENÊUTICA

Ouvidos para ouvir

Aprenda a interpretar corretamente a Bíblia.

30

Novo Manual de Estudo da Escola Sabatina

Como utilizar?

32

GRAVADO NA PEDRA

Pode um papiro egípcio confirmar a escravidão de José?

A escravidão no Egito antigo do tempo de José.

37

OLHOS NOS OLHOS

Pedro Campos

O exemplo de um ministério missionário.

43

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

ASA – LAPI

O ministério adventista em favor da Terceira Idade.

46

PÁGINA DA FAMÍLIA

Unidade na Família

Uma das condições essenciais da felicidade familiar.

48

HERÓIS DA BÍBLIA

Paulo – Uma corrida de fé

Fica a conhecer o Apóstolo dos Gentios!

50

ESPÍRITO DE PROFECIA

O Dom Profético de Confirmação

As nossas doutrinas não se baseiam no Espírito de Profecia.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Deus é amor que se relaciona

“Deus é amor” (I João 4:8).

A Bíblia não começa por explicar Deus; começa por revelá-l’O. E fá-lo através de uma afirmação simples, mas profundamente transformadora: **“Deus é amor.”** Esta não é apenas uma qualidade entre muitas. “A Sua própria essência é o amor.”¹ Tudo o que Deus faz nasce desse amor e aponta para a relação.

O amor verdadeiro não existe no isolamento. O amor precisa de relação, de comunhão, de entrega e de partilha. Um amor fechado em si mesmo não se expressa, não se doa, não cria vida. O Deus da Bíblia, porém, é um Deus que vive em comunhão, que Se revela em relação e que age sempre para Se aproximar.

É a partir desse amor relacional que nasce a criação. Não fomos criados por necessidade, mas por iniciativa amorosa. Fomos chamados à existência para viver em relação com Deus, com os outros e com a Criação. Desde o início, Deus caminha com o ser humano, fala, escuta, orienta e procura restaurar aquilo que o pecado quebrou. “Ele é um Deus de amor, de piedade e de terna compaixão.”²

É também a partir desse amor que nasce a salvação. Deus não observa o sofrimento humano à distância. Ele entra na nossa história, assume a nossa fragilidade, caminha connosco e oferece redenção. A fé cristã não

se baseia apenas em ideias ou princípios, mas num Deus que Se envolve, que Se dá e que deseja habitar no meio do Seu povo.

Este Deus relacional continua hoje a chamar-nos. Chama-nos a uma fé que não é apenas intelectual, mas vivida. Chama-nos a uma relação que transforma o coração, orienta as escolhas e molda o caráter. Conhecer Deus é aprender a confiar. Crer é responder ao Seu amor. Segui-l’O é viver em comunhão.

Esta realidade tem implicações profundas para a vida da Igreja. Se Deus é relação, então a fé não pode ser vivida de forma isolada. Somos chamados a refletir esse amor nas nossas comunidades, nas nossas famílias e no nosso testemunho diário. A igreja torna-se, assim, um espaço onde o amor de Deus é visível, vivido e partilhado. Que este mês nos leve a redescobrir não apenas quem Deus é, mas como Ele Se relaciona connosco. Que abramos o coração a esse amor que chama, restaura e transforma. Porque o Deus que é amor continua, hoje, a convidar-nos a viver em relação com Ele.

1

David Walls e Max Anders, *I & II Peter, I, II & III John, Jude*, vol. 11, Holman New Testament Commentary (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1999), p. 209.

2

Ellen G. White, *A Fé pela Qual Eu Vivo*, p. 55, ed. Casa Publicadora Brasileira (1958).

“Para destruíres os que destroem a terra”

O Significado de Apocalipse 11:18



Ranko Stefanovic
*Professor de Novo
Testamento*

A expressão “Para destruíres os que destroem a terra”¹ em Apocalipse 11:18 tem sido popularmente interpretada por ambientalistas cristãos em ligação com as preocupações ecológicas e com as alterações climáticas. Supõe-se que o texto ensina que aqueles que maltrataram e arruinaram o ambiente natural pela exploração dos seus recursos são objeto da ira de Deus e serão, assim, responsabilizados no Dia do Juízo. Será que Apocalipse 11:18 realmente aborda tais preocupações ecológicas?

Embora o ambiente não seja o tópico deste artigo, devemos ter em mente que o próprio Deus emitiu uma ordem para se cuidar do ambiente natural (Gênesis 2:15). Na medida que os seres humanos ainda estão sob a autoridade dessa diretiva divina, os Cristãos, em particular, devem dar o exemplo na assunção das responsabilidades ambientais. Mas, estavam o abuso do ambiente e a exploração dos recursos da Terra primeiramente na mente de João, o autor inspirado, quando ele es-

creveu Apocalipse 11:18? Este artigo procura responder a esta pergunta.

Resisti à norma

Tal como observou o comentador francês Pierre Prigent, é difícil para os leitores da Bíblia resistirem à tentação de imporem preocupações contemporâneas ao texto bíblico, em vez de o deixarem falar por si mesmo.² Ao tentarmos estabelecer o significado intencionado pela passagem, devemos lembrar-nos de três coisas. Primeira, qualquer compreensão do texto não deve ser definida pelas preocupações e pelos acontecimentos atuais, mas sim pela evidência bíblica. A Bíblia é o seu melhor interprete. Segunda, uma interpretação responsável surge a partir do texto (*exegese*), em vez de surgir da nossa imposição de um sentido ao texto (*eisegese*). Finalmente, tem sido geralmente reconhecido que a maior parte da linguagem do Apocalipse deriva do Antigo Testamento. São os textos de fundo provenientes do Antigo Testamento que nos darão uma



... é difícil para os leitores da Bíblia resistirem à tentação de imporem preocupações contemporâneas ao texto bíblico, em vez de o deixarem falar por si mesmo.

intuição sobre o significado da declaração “Para destruíres os que destroem a terra”.

O contexto literário de Apocalipse 11:18

Apocalipse 11:18 serve como ponte entre a metade histórica (Apocalipse 1:9-11:17) e a metade escatológica (Apocalipse 11:19-22:5) do livro de João. Como tal, esse texto funciona como um texto trampolim. Uma característica deste aspeto literário de Apocalipse é que o texto trampolim conclui a secção anterior ao mesmo tempo que introduz a secção seguinte. Quase todas as principais secções de Apocalipse estão organizadas desta forma.

Assim, Apocalipse 11:18 é um destes textos trampolins. Um olhar mais detalhado dado ao versículo 18 mostra que ele esboça os acontecimentos desenvolvidos na segunda parte do livro:

“As nações se enfureceram.” Tal fúria é a manifestação da ira de Satanás (Apocalipse 12:17) e dos seus dois aliados, a besta do mar e a besta da terra, na medida em que eles reúnem as nações do mundo para a batalha escatológica de Armageddon.

“Chegou, porém, a tua ira” aponta para a resposta de Deus à fúria das

nações, com a Sua ira assumindo o aspeto das sete últimas pragas (cf. Apocalipse 15:1; 16:1).

“O tempo determinado para serem julgados os mortos” aponta para Apocalipse 20:11-15, onde os mortos ressurretos comparecem perante o trono de Deus e são julgados. Este julgamento inclui aspetos positivos e negativos.

O aspeto positivo do julgamento é declarado como sendo “para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes” (Apocalipse 11:18). Os capítulos 21 e 22 descrevem esta recompensa efetiva.

O autor retrata o aspeto negativo como sendo “para destruíres os que destroem a terra” (Apocalipse 11:18). A aniquilação de Satanás e dos seus associados é o ato final no grande conflito entre o bem e o mal (Apocalipse 19:11-20:15).

Observar-se-á que o lado negativo do julgamento de Deus – a destruição dos destruidores da terra como um derramar da Sua ira escatológica – é colocado em contraste com a recompensa dos servos de Deus retratada nos dois últimos capítulos de Apocalipse.

O significado de “destroem a terra”

Ao anunciar o julgamento escatológico, João usa um jogo de palavras: Aqueles que destroem a terra serão eles mesmos destruídos (Apocalipse 11:18). Isto reflete o princípio da *lex talionis*, em que o castigo corresponde ao crime cometido (Apocalipse 18:6 e

7).³ O conceito está enraizado no padrão “olho por olho e dente por dente” do sistema judicial do antigo Próximo Oriente (Cf. Êxodo 21:24). Apocalipse 11:18 espelha esta antiga norma.

As palavras traduzidas como “destruir”, tanto no hebreu como no grego, significam basicamente “destruir”, embora sejam frequentemente traduzidas no sentido de “arruinar” ou “corromper” quer física, quer moralmente.⁴ Assim, por exemplo, o Salmo 14:1 fala de um tolo que se “destrói” (*shakhbath*) a si mesmo dizendo que não há Deus. Embora o Novo Testamento use primariamente a palavra para denotar destruição física (Lucas 12:33; Apocalipse 8:9; 11:18), Paulo emprega-a em I Timóteo 6 com referência à corrupção da mente (v. 5). Em I Coríntios 3, Paulo declara que os destruidores do templo de Deus serão eles mesmos destruídos (v. 17). No entanto, a palavra grega em Apocalipse 11:18 (*diaphtheirô*) tem força intensiva com o significado de “destruir totalmente/completamente”.⁵

Neste ponto surge a questão sobre em que sentido está a terra a ser destruída segundo Apocalipse 11:18. Para já, parece que a frase “para destruídes os que destroem a terra” deriva de dois textos do Antigo Testamento. Parece que João construiu a expressão de acordo com o relato do Dilúvio em Génesis 6:11-13, tal como este aparece tanto no Hebreu (vv. 11-13) como na *Septuaginta* (vv. 12-14). Assim, tanto o Hebreu (TM) como o Grego (LXX) em Génesis 6 empregam o mesmo jogo de palavras: “A terra, porém, estava corrompida [destruída] diante da face de

Deus: E encheu-se a terra de violência. E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida [destruída]; porque toda a carne [Humanidade] havia corrompido o seu caminho sobre a terra. Então disse Deus a Noé: O Fim de toda a carne [Humanidade] é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra” (Génesis 6:11-13, *ARC*).

Os paralelos na expressão frásica entre Génesis 6 e Apocalipse 11 são óbvios. Génesis 6 especifica que os antediluvianos estavam a destruir/corromper a Terra ao enchê-la de “violência” (no texto hebreu) ou de “iniquidade” (no texto da *Septuaginta*). A iniquidade deles é explicada ao ser dito que “a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo o desígnio do seu coração”, pelo que “se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração” (Génesis 6:5 e 6).

Assim, Génesis 6:11-13 dá-nos uma pista sobre o significado da destruição da terra referida em Apocalipse 11:18. Parece que, ao retirar o seu fraseado do relato do Génesis sobre o Dilúvio, João queria mostrar que os destruidores do tempo do fim estariam a destruir a terra da mesma forma que

Tal como os destruidores antediluvianos tiveram de ser destruídos com a terra, também será esse o destino dos destruidores da terra no tempo do fim.



os antediluvianos que haviam enchido a terra com iniquidade e violência. Tal como os destruidores antediluvianos tiveram de ser destruídos com a terra, também será esse o destino dos destruidores da terra no tempo do fim.

Os destruidores da terra no tempo do fim

Quem são os destruidores da terra no tempo do fim referidos em Apocalipse 11:18? Apocalipse 19:2 mostra que esta imagem se refere à Babilônia do tempo do fim – “a grande meretriz que corrompia [destruía] a terra com a sua prostituição” – em aliança com aqueles que se puseram ao lado do sistema religioso apóstata do tempo do fim (Apocalipse 17:2). Aqui a referência à Babilônia do tempo do fim como destruidora da Terra é formulada segundo o anúncio de Jeremias sobre o julgamento da antiga Babilônia: “Eis que sou contra ti, ó monte que destróis, diz o SENHOR, que destróis toda a terra” (Jeremias 51:25 [28:25, LXX]). Assim, é evidente que a profecia de Jeremias sobre a antiga Babilônia como destruidora de toda a terra é uma fon-

te óbvia de onde o autor de Apocalipse retirou a imagem da Babilônia do tempo do fim como destruidora da terra em Apocalipse 19:2.⁶

Babilônia em Apocalipse é o sistema ímpio do tempo do fim que integra o dragão (Apocalipse 12:17), a besta do mar (Apocalipse 13:1-8) e a besta da terra (Apocalipse 13:12-17), sendo esta última entidade mais tarde referida como o falso profeta (Apocalipse 16:13; 19:20; 20:10). Este triunvirato satânico exiba a arrogância e a opressão da Babilônia histórica retratada nos livros proféticos do Antigo Testamento. A Babilônia do tempo do fim é descrita como tendo enchido a terra com pecados que “se acumularam até ao céu” e que “Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou” (Apocalipse 18:5), o que espelha as atividades dos antediluvianos em Gênesis 6:11-13.

Tal como a Babilônia histórica (Jeremias 51:25), este sistema ímpio do tempo do fim é descrito em Apocalipse como composto pelos destruidores da terra (cf. Apocalipse 19:2), sendo que o autor usa a “terra” como metonímia

para “o povo da terra”.⁷ Em aliança com os líderes políticos e seculares que governam o mundo (Apocalipse 17:2; 18:3, 9, 23), este sistema ímpio do tempo do fim é apresentado como o agressor que explora injustamente as pessoas na terra para seu benefício e para seu ganho pessoal,⁸ destruindo assim a vida de muitos (cf. Apocalipse 18:3, 9-19). Tal como Deus responsabilizou a antiga Babilônia pelos crimes cometidos contra o Seu povo, também a Babilônia do tempo do fim é retratada como o adversário do povo de Deus e é culpada de derramar o sangue das testemunhas de Cristo (Apocalipse 17:6; 18:24).

Este sistema ímpio do tempo do fim será julgado, tal como a antiga Babilônia fora julgada (Jeremias 51:25). O livro de Apocalipse mostra que o julgamento da Babilônia do tempo do fim e da Humanidade rebelde deve ocorrer no fim da história (Apocalipse 19:19-21) e será concluído depois do milénio (Apocalipse 20:10).

O grande conflito termina

Uma análise cuidadosa de Apocalipse 11:18 mostra que a frase “Para destruíres os que destroem a terra” não se refere à degradação e à exploração do ambiente pela tecnologia moderna, uma posição contemporânea frequente. Em vez disso, aponta para as

atividades da Babilônia do tempo do fim, que, segundo o modo de ação dos antediluvianos descritos em Gênesis 6, enche a Terra com pecados que “se acumularam até ao céu”, de tal forma que “Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou” (Apocalipse 18:5). Este sistema do tempo do fim apresenta todas as características da sua antiga contraparte babilônica, que Jeremias descreveu como destruidora da terra (Jeremias 51:25).

Os destruidores da terra – a Babilônia do tempo do fim e os que com ela se associaram – levaram as pessoas para longe de Deus (Apocalipse 19:2). O Apocalipse apresenta-os como poderosas forças ímpias (Apocalipse 17:2) que contribuem para a corrupção, a violência e a opressão amplamente espalhadas (bem como para a devastação ambiental resultante das suas ações ímpias), em vez de para uma aniquilação física literal da terra, servindo aqui a palavra “terra” como metonímia. Eles são objeto da ira de Deus e, como tal, devem ser destruídos juntamente com a terra. Assim, o castigo que eles recebem adequa-se aos crimes que cometeram. O julgamento deste sistema satânico do tempo do fim assinalará a conclusão do grande conflito entre as forças do bem e as hostes do mal.

1

Exceto quando indicado em contrário, as citações bíblicas são retiradas da tradução Almeida Revista e Atualizada (ARA).

2

Pierre Prigent, *Commentary on the Apocalypse of St. John* (Grand Rapids, MI: Baker, 2009), p. 364.

3

David E. Aune, *Revelation 6-16*, Word Biblical Commentary, vol. 52B (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998), pp. 646.

4

Walter Bauer, *Greek-English Lexicon of the New Testament* (Chicago, IL: The University of Chicago Press, 2000), p. 239.

5

Aune, *Revelation 6-16*, p. 646.

6

Craig S. Keener, *Revelation, The NIV Application Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000), p. 306.

7

Aune, *Revelation 6-16*, p. 645.

8

Keener, *Revelation*, p. 309.

A Trindade

A exploração de um tema
teológico central!



John Reeve
Teólogo

*Retirado da Revista
Adventista brasileira
de abril de 2024.*





A ideia de Deus como Trindade sempre foi central e, ao mesmo tempo, problemática para o Cristianismo. No entanto, “três Pessoas que são um único Deus” resume de forma efetiva a revelação bíblica sobre a natureza divina. Externamente, este conceito fez com que as outras duas religiões monoteístas – o Judaísmo e o Islão – acusassem o Cristianismo de ser politeísta. Internamente, desde que a Igreja primitiva escolheu esta fórmula para expressar melhor o que a Bíblia revela sobre Deus, parece não haver nenhuma outra doutrina tão essencial para a conceptualização de quem Ele é dentro do Cristianismo. Ao mesmo tempo, a doutrina da Trindade tem sido constantemente atacada por vários grupos minoritários, que a consideram uma deturpação ilógica do conceito de Divindade.

Os Adventistas e o Trinitarianismo

No início do século XIX, nos Estados Unidos da América, a Conexão Cristã,

uma Denominação pequena que tinha Joseph Bates e James White entre os seus membros, fazia parte dos grupos minoritários antitrinitários. Como líderes do pequeno rebanho em crescimento, que mais tarde se tornaria a Igreja Adventista do Sétimo Dia, Bates e White contribuíram para a formação de um pensamento antitrinitário nos primeiros anos do movimento. Contudo, com o passar do tempo, a aversão inicial à teologia trinitária foi substituída pelo reconhecimento de que, ainda que a Bíblia não use o termo “Trindade”, a descrição divina apresentada nas Escrituras corrobora esse conceito teológico. Durante a década de 1890, quando a compreensão de quem é Cristo foi aprofundada e o livro *O Desejado de Todas as Nações* foi escrito, a maioria dos Adventistas do Sétimo Dia passou a compreender o pensamento trinitário, vendo Deus como Pai, Filho e Espírito Santo.

Um processo inicial saudável fez com que, no princípio, muitos líderes

Ver Deus como um Trio celeste integrado por três Pessoas iguais que formam a Divindade tem consequências de longo alcance sobre a maneira pela qual a pessoa crente se relaciona com Ele.

adventistas rejeitassem a doutrina tradicional da Trindade. Eles achavam que essa doutrina era baseada na tradição, em lugar de ser fundamentada na Bíblia. Mais do que isso, alguns confundiam a fórmula trinitária de três Pessoas que são um só Deus com o conceito modalista de Deus como uma Pessoa que Se manifesta de três formas diferentes. Joseph Bates, por exemplo, escreveu que nunca conseguiria aceitar a ideia de que Deus e Jesus Cristo fossem uma só Pessoa (*Autobiography of Joseph Bates*, p. 205, Steam Press [1868]). Esta rejeição inicial estabeleceu uma hermenêutica saudável de não se aceitar a tradição cristã como autoridade, mas, em vez disso, aceitar somente doutrinas compreendidas por meio do texto bíblico. Assim, quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia aceitou a compreensão trinitária de Deus, foi por acreditar que ela era a melhor representação da Divindade apresentada nas Escrituras.

Ver Deus como um Trio celeste integrado por três Pessoas iguais que formam a Divindade tem consequências de longo alcance sobre a maneira pela qual a pessoa crente se relaciona com Ele e sobre a maneira como ela compreende as doutrinas relacionadas com Cristo, com o Espírito Santo e com a salvação.

Revelação Lógica

O conceito de três serem um desafia a lógica matemática e aristotélica. Sendo assim, por que razão a Igreja primitiva concebeu Deus como “Três em Um”?

Primeiramente, e de modo simplista, foi porque os autores do Novo Testamento mostravam Jesus claramente como Deus, no mesmo patamar que o Pai. Quase todas as saudações ou todos os louvores incluem o Pai e Jesus Cristo (Romanos 1:7; I Coríntios 1:1-3; II Coríntios 1:2; Efésios 1:3-6, Filipenses 2:5-11; Tiago 1:1; I Pedro 1:2; II João 3; Judas 25; Apocalipse 1:9). Uma exploração mais profunda dos ensinamentos bíblicos mostra tanto a “unidade” como a “trindade” de Deus.

A unidade apresenta-se claramente em textos como Deuteronômio 6:4, o *Shemá*, usado como declaração de fé do Judaísmo: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR.” A Trindade, por sua vez, pode ser encontrada em passagens como o batismo de Jesus (Mateus 3:16 e 17), em que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são descritos individualmente como estando ativos em simultâneo. A noção de Trindade também se torna

evidente na Grande Comissão (Mateus 28:19), quando Jesus ordena que os Seus discípulos façam outros discípulos e os batizem “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, texto que se tornou a bênção batismal padronizada da religião cristã. Portanto, duas grandes orações na Bíblia, a *Shemá* e a bênção batismal, descrevem, respetivamente, Deus como “Um” e como “Três”.

Fora da lógica humana, a Bíblia insiste que “Deus é um só” e que “Deus é triúno”. Devemos dar prioridade à lógica humana ou à revelação bíblica?

Solução ou Paradoxo?

É evidente que a Revelação deve prevalecer sobre a Lógica. Qualquer outra resposta criaria uma teologia construída de baixo para cima, uma compreensão humana baseada na percepção e na analogia. Por outro lado, colocar a revelação divina antes da lógica permite a construção de uma teologia revelada de cima, de uma autorrevelação do próprio Deus, que é infinitamente maior e mais sábio do que a mente humana. É verdade que essa revelação vem por meio de agentes humanos e através de linguagem humana que consiste em ver “como num espelho, de forma obscura” mediante um “conhecimento incompleto” (I Coríntios 13:12). Ainda assim, é melhor ver o verdadeiro Deus – que está muito acima da conceção humana – de modo parcial do que reivindicar uma visão completa de uma Divindade humanamente construída.

A fórmula trinitária é resumida de forma simples: “Deus é triúno” e

... é melhor ver o verdadeiro Deus – que está muito acima da conceção humana – de modo parcial do que reivindicar uma visão completa de uma Divindade humanamente construída.

“Deus é um só”. Ser triúno é o mesmo que ser uma Trindade. Os conceitos são diretos e bíblicos, mostrando que o termo expressa simplesmente a autorrevelação divina nas Escrituras.

A Igreja primitiva não resolveu o paradoxo revelado de que “Deus é um só, mas também é triúno”. Ela apenas deu um nome a essa realidade. Assim, a Trindade não é uma solução. É a designação de uma palavra única que conserva o paradoxo intacto: Três em Um, o nosso Deus triúno.

A Divindade do Espírito Santo

Alguns afirmam que o Espírito Santo não faz parte da Divindade, mas que constitui um poder impessoal vindo de Deus. Esta declaração assume várias formas e ângulos; mas, na sua essência, ela afirma que a Bíblia não apresenta uma visão do Espírito Santo como Alguém que tem “personalidade”.

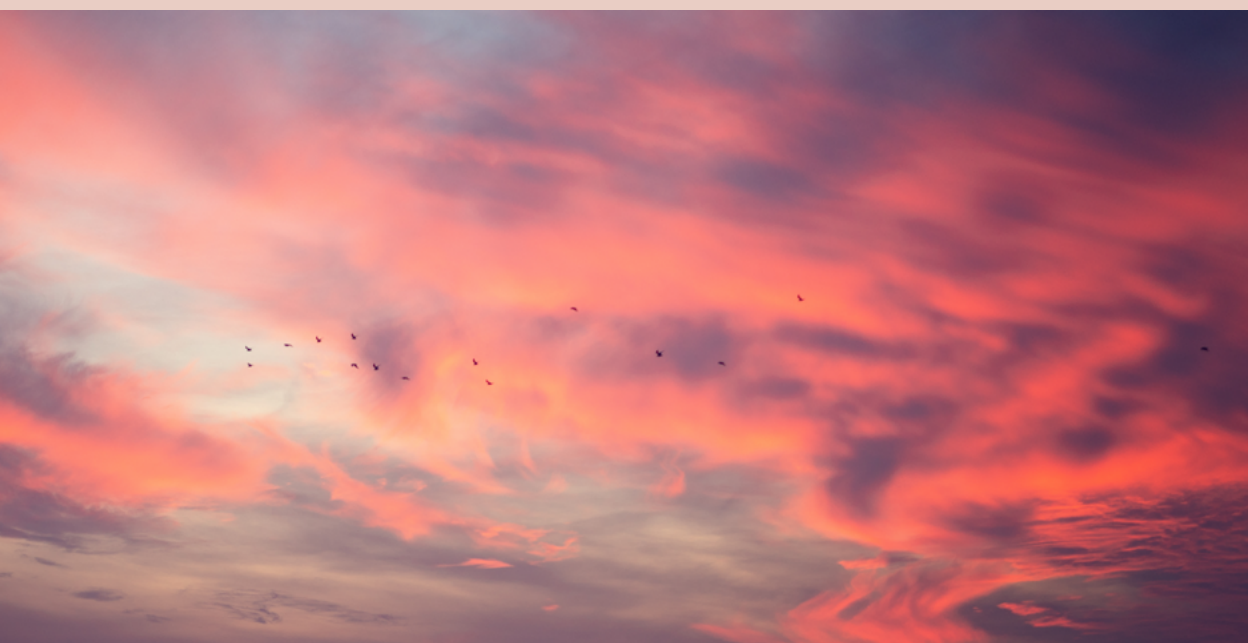
O assunto é tratado diretamente na Bíblia, que expõe fortes evidências de que o Espírito Santo é uma Pessoa divina. Na conclusão da Epístola aos Coríntios, Paulo proclamou uma bênção trinitária clássica: “A graça do Se-

nhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós” (II Coríntios 13:13). Nela, o apóstolo reconheceu que o Espírito Santo é identificado principalmente pela comunhão, que é o centro das relações interpessoais. Outros versículos descrevem o ministério pessoal que o Espírito Santo exerce numa relação direta e individual com os fiéis. O que inclui convencer (João 16:8-11), regenerar (João 3:5-8), guiar (João 16:13), santificar (Romanos 8:1-17), dar poder (Atos 1:8), revelar (Lucas 2:26) e mover os profetas inspirados a falarem e a escreverem as Escrituras (II Timóteo 3:16; II Pedro 1:21).

Todos estes versículos denotam uma função relacional e ativa. Mesmo quando o Espírito Santo é retratado como Alguém que não afirma a Sua própria vontade, como no texto que diz que Ele “não falará por si mesmo” (João 16:13), há uma componente ativa relacional na descrição da Sua in-

teração com o fiel, evidente em ações como “ele vos guiará” e “dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará” (João 16:13). Os textos de II Timóteo 3:16 e de II Pedro 1:21, em conjunto com vários outros versículos que falam sobre estar cheio do Espírito Santo, indicam que Ele é o responsável pela produção das Escrituras e das profecias, que têm conteúdo proposicional. Estas tarefas, assim como todas as outras citadas acima, envolvem mais do que um poder impessoal, pois requerem uma comunicação intencional do conteúdo. Todas essas interações pessoais com os fiéis destacam o que Paulo apontou no fim da II Epístola aos Coríntios: O Espírito Santo tem uma relação/comunhão muito pessoal connosco.

Em João 14 a 17, Pai, Filho e Espírito Santo são retratados como tendo uma relação interdependente e interativa com o propósito de nos incluir num relacionamento próximo



e recíproco de amor e obediência. Se vê e conhece o Espírito santo, também vê e conhece o Pai (João 14:6, 9); o Filho revela o Pai (17:6, 25); e enquanto o Filho glorifica o Pai, o Pai também glorifica o Filho (17:4). O Pai envia o Filho (16:5) e o Espírito Santo (14:26); o Filho envia o Espírito Santo (15:26; 16:7); o Espírito Santo ensina, guia e testifica sobre o Filho (14:25; 15:26); e por intermédio do Espírito Santo que habita em nós, o Filho, que está no Pai, virá para nós (14:16-20).

As interações são mostradas como sendo recíprocas entre os três. Em João 17:6-10, isto revela-se ainda mais verdadeiro. Por meio das revelações que o Filho nos fez do Pai – que são descritas como tendo sido dadas ao Filho pelo Pai – o Filho ganha confiança para nos revelar as palavras que o Pai Lhe deu e permitir que aceitemos essas palavras em obediência. Deste modo, o Filho é uma ponte entre o Pai e nós, promovendo um relacionamento de amor, confiança, fé e obediência. Esta ponte que o Filho faz está assegurada eternamente por intermédio do Espírito Santo que habita em nós (João 14:16-18). É verdade que o Filho e o Espírito Santo têm papéis de submissão no que diz respeito ao relacionamento que nos leva à salvação (João 14:31); contudo, há outros aspetos desses versículos que sugerem uma relação de igualdade e de unidade.

O Evangelho de João apresenta várias declarações diretas sobre a união entre o Pai e o Filho: “Eu estou no Pai, e [...] o Pai está em mim” (João 14:10); “Todas as minhas coisas são tuas e as

tuas coisas são minhas” (17:10); e há até uma declaração direta, em que Jesus diz que “nós somos um” (17:22, *ACF*). Indiretamente, esta unidade estende-se também ao Espírito Santo, como expressa João 16:14 e 15: O Espírito “me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.”

A propriedade recíproca e o acesso aberto que os Três compartilham descrevem a unidade que existe entre Eles. Do mesmo modo, João 14:16-23 retrata uma habitação unificada. Embora Jesus tivesse de nos deixar, Ele indica que viria até nós por intermédio da promessa do Consolador que habitaria em nós. A seguir, Cristo termina o Seu discurso afirmando que tanto Ele como o Pai virão e farão morada em nós. Assim, a ação do Pai e do Filho ocorre por meio do Espírito que habita em nós. Esta é uma unidade forte que faz equivaler a presença de Um dos Três com a presença de toda a Trindade.

Com o passar do tempo, têm ocorrido debates intensos em que

Embora Jesus tivesse de nos deixar, Ele indica que viria até nós por intermédio da promessa do Consolador que habitaria em nós.



se discute se tal unidade é percebida como uma unidade num mesmo propósito ou num só Ser. De qualquer forma, a unidade dos Três favorece a percepção de uma Trindade. Ela também sugere que o Espírito Santo tem personalidade, semelhante ao Pai e ao Filho. Isto implica que a Bíblia apresenta o Espírito Santo como uma Pessoa que Se relaciona com os fiéis, embora a maioria das passagens bíblicas que apresentam o Espírito Santo não incluam a menção a um corpo. No entanto, a personalidade não deriva de um corpo, mas de um relacionamento.

Como é que o Espírito Santo começou a ser compreendido como uma força impessoal? A resposta está na História e na Filosofia. O meio filosófico dos Cristãos primitivos incluía uma concepção platônica e estoica de Deus dividida em três partes: O transcendente (ou Mônada), que Platão designou como “Pai”; o Demiurgo (ou Logos) que era o Criador imanente,

que Platão refere como a Díade ou como o “Filho”; e o poder comunicador da vida e da energia que preenche o Universo e as suas criaturas, ao qual Platão e Zenão de Cítio chamaram *Pneuma*, que significa “fôlego” ou “espírito”. Esta concepção filosófica do espírito era frequentemente associada ao Espírito Santo durante a leitura das Escrituras, levando as interpretações tradicionais a enfatizar o papel subordinado do Espírito Santo. Isto refletia-se na linguagem usada, sugerindo erroneamente que o Espírito é apenas uma força. Os textos que retratam os aspetos pessoais e relacionais do Espírito Santo foram inicialmente considerados com de menor peso teológico. Entretanto, a filosofia e a tradição não devem controlar a leitura da Bíblia.

Implicações Soteriológicas

Portanto, dirijamos a nossa atenção para as implicações do relacionamento redentor com o nosso Deus, que Se



constitui em três Pessoas divinas. O âmago dessas implicações reside na garantia da nossa salvação pelo próprio Deus, Criador e Mantenedor de todas as coisas. Jesus Cristo é Deus!

No capítulo 1 de João, Jesus é descrito como o *Logos* (o Verbo). Assim, o Verbo é descrito como o Criador e como Deus (1:1-3), o onnipotente Governador do Universo. Em Tito 2:13, Paulo descreve Cristo como “o nosso grande Deus” e, em Romanos 9:5, como o “Deus bendito para sempre”.

A maior parte dos Adventistas está familiarizada com a descrição que Ellen G. White fez de Jesus como sendo “um na natureza, caráter e propósito” com Deus, o Pai (*Patriarcas e Profetas*, p. 12, ed. P. SerVir [2021]). O apóstolo João caracterizou a natureza e o caráter de Deus como sendo vida e luz (João 1:4 e 5), enfatizando que o Verbo é a Fonte tanto da vida como da verdade eterna. Além disso,

o evangelista afirmou que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (1:14), resumindo a história do Natal, segundo a qual o grande e eterno Deus Se torna uma criança indefesa. Depois de Ele crescer e tomar consciência da Sua missão como Messias, desenvolve o Seu ministério terrestre durante três anos e meio, pregando sobre o Reino de Deus e preparando os Seus discípulos para a Sua morte. Depois, Ele morre como sacrifício, o Cordeiro pascal, o Servo Sofredor, por cujas feridas fomos curados (Isaías 53). No entanto, Ele não permanece morto! Como Ele mesmo declarou: “Eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim! [...] Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la” (João 10:18, *ARA*). Esta declaração de Ellen G. White ecoa o texto bíblico: “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. [...] A divindade de Cristo é a certeza da vida eterna para o crente” (*O Desejado de Todas as Nações*, Publicadora SerVir, s.d., p. 481).

Deus, o Filho, no seu papel de Salvador (1) é onnipotente, (2) amamos e (3) é a ponte de salvação que nos conecta com Deus. Somente o verdadeiro Deus pode realizar estas três tarefas da nossa salvação. Se Ele não fosse totalmente divino, a Sua capacidade para salvar diminuiria. Portanto, vê-lo como algo menos do que um Ser totalmente divino reduz a nossa capacidade de compreender e de desfrutar da Sua obra de salvação. Conforme João 15:13 declara: “Ninguém tem maior amor do que este: De dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos.”

Missio Dei

**Deus é o maior interessado
na salvação do ser humano.**



—
Everaldo Carlos
Pastor

Vivemos num tempo profético em que a *Missio Dei* tem sido restaurada. “*Missio Dei*” é um termo em latim que significa ‘Missão de Deus’. *Missio* é a palavra latina que significa ‘enviado’, ou seja, é o ‘envio’ da Igreja.”¹ Deus é missionário. O que queremos dizer é que Deus enviou o Seu Filho. O Filho, por Sua vez, também é missionário. Ambos, Pai e Filho, enviaram o Espírito Santo. Na verdade, o Espírito Santo também é enviado. Ele foi enviado ao mundo com um propósito especial. Cristo disse: “Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20:21). O tema do envio ou da *Missio Dei* estende-se a cada Cristão. Somos todos enviados. Na sua natureza, a missão evangelística testifica de que não há Cristão que não tenha sido enviado e que não participe dos propósitos eternos de Deus através da Sua Igreja. A todos nós compete o envolvimento na missão evangelística.

Kraemer foi enfático ao afirmar que “de todas as instituições no mundo, a Igreja é a única fundada numa comissão divina”.²

Tal como este autor, Ellen G. White dá sequência a esta linha de pensamento ao afirmar: “A Igreja é o meio que Deus escolheu para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e a sua missão é levar o evangelho ao mundo.”³

Portanto, como Igreja e como indivíduos, estamos envolvidos numa grande missão. A *Missio Dei* é a nossa missão. No dizer de Moltmann, “não é uma Igreja que ‘tem’ uma missão. Ao contrário, é na missão de Cristo que se cria uma Igreja. A missão não é compreendida a partir da Igreja, mas de Cristo”.⁴ Ele é bem específico quanto à missão da Igreja. A importância da sua compreensão do que é missão deve orientar-nos para uma estratégia eficaz no cumprimento da mesma nos nossos dias.



Moltmann destaca o pensamento de que a *Missio Dei* envolve o Filho, o Espírito Santo e, por meio deles, a Igreja. Esta, por sua vez, envolve-se na missão quando, aos poucos, rompe os limites do Judaísmo e se lança no mundo gentílico. Neste contexto, a Igreja percebe que a sua missão é a própria missão de Deus.

Ela está no mundo para ser cooperadora de Deus na restauração e na libertação das pessoas de “toda nação, tribo, língua e povo” (ver Apocalipse 14:6). Assim, “a missão não é apenas uma atividade da Igreja. Ao contrário, é o resultado da iniciativa de Deus, enraizada nos propósitos de restaurar e curar a Criação”.⁵

É por isso que, ao mencionar as atividades missionárias, podemos dizer que a Igreja é missionária na sua natureza. Neste caso, a missão precede a Igreja. Ela é, antes de tudo, de Deus. O cumprimento da missão parte da Igreja para o mundo através do Espírito Santo. Deus está a ensinar, a curar e a salvar por meio da pessoa de Cristo. E isso ocorre pela graça divina que se estende aos pecadores como um ato de amor e de misericórdia. Imagine o que seria da Igreja se todos os membros entendessem isto de forma clara e levassem a sério a Missão de Deus! Isto levaria a Igreja a entender que ela não está centrada em si mesma, mas no que Cristo chamou “Reino de Deus”.

Johannes Blaw afirma: “Não há outra Igreja a não ser aquela que é enviada ao mundo. Somos uma Igreja não quando estamos meramente dentro de um edifício, mas sim quando estamos fora dele sendo pais gracio-

**... podemos dizer
que a Igreja é
missionária na sua
natureza. Neste caso,
a missão precede a
Igreja. Ela é, antes de
tudo, de Deus.**

sos; cônjuges amorosos; sendo diligentes e honestos no nosso local de trabalho; se somos da área de saúde, tratando os pacientes com cuidado; se somos professores, sendo responsáveis com o meio ambiente, dando exemplo de cidadania aos alunos; partilhando os nossos recursos com os necessitados; realizando projetos sociais sem interesse; usando uma linguagem inclusiva ao tratar bem os imigrantes e compreender as pessoas de crenças diferentes da nossa.”⁶

Desta maneira, a missão revestir-se-á de um estilo de vida. Francisco de Assis afirmou: “Pregue a Palavra. Se for necessário, use palavras.” A tarefa missionária é a missão de todos os membros da Igreja. Renold Blank escreveu: “Todos os membros precisavam de ser mais ativos no contexto da missão da Igreja.”⁷ Em muitas Igrejas, o líder religioso, aparentemente, é o responsável por tudo e todos. A ideia é clara: Todos devem estar envolvidos na missão de Deus. Ellen G. White escreveu:

“É um erro fatal pensar que a obra de salvação de almas compete só ao ministério. O humilde e consagrado

crente sobre quem o Senhor da vinha colocou a responsabilidade das almas, deve receber encorajamento daqueles a quem o Senhor deu maiores responsabilidades.”⁸

A existência da Igreja é justificada pela sua missão. Andrew Kirk afirma: “A Igreja é missionária por natureza ao ponto de que, se ela deixa de sê-lo, ela não falha simplesmente numa das suas tarefas, mas deixa de ser Igreja no seu dia a dia. Todo aquele que houver recebido Cristo é chamado a trabalhar pela salvação dos seus semelhantes.”⁹ O grande missiólogo David Bosch acrescenta: “A missão não é primordialmente uma atividade da Igreja, mas um atributo de Deus. E Ele é um missionário.”¹⁰

Na Igreja, o que é mais importante não é o papel das pessoas e, sim, a forma como os líderes espirituais as preparam para realizar o serviço cristão no mundo. Se a missão precede a Igreja, e, de facto, ela o faz, não haverá Cristãos “passivos” na *Missio Dei*. O batismo de novos conversos será concebido como resultado do cumprimento da missão. E esta, por sua vez, será vista como parte da vida cristã, e não somente como algo esporádico ou a realizar em datas exclusivas.

Allan Hirsch declara: “O verdadeiro e autêntico princípio de organização da Igreja é a missão. Quando a Igreja está em missão é a verdadeira Igreja. A missão de Deus flui diretamente através de cada Cristão e de cada comunidade de fé que aceita Cristo.”¹¹ Certamente, isto inclui evangelizar outros países com as suas culturas exóticas, mas não se restringe

a isso. Sem dúvida, muitos membros da Igreja são chamados para cumprir a missão em terras longínquas. Entretanto, é bom lembrar que todos os Cristãos são convocados para ministrar as riquezas do Evangelho na sua vida diária, onde quer que estejam.

Deus é o grande Missionário. Ele confiou à Sua Igreja esta missão. Precisamos do auxílio divino para o cumprimento da *Missio Dei*, pois o maior interessado na salvação do ser humano é o próprio Deus. O Seu desejo é “que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (I Timóteo 2:4).

¹ MOREAU, A. Scott, *Evangelical Dictionary of World Missions*, 2001.

² KRAEMER, H., *The Christian Message in a Non-Christian World*, 1938, p. 358.

³ WHITE, Ellen G., *Atos dos Apóstolos*, P. SerVir, s. d., p. 9.

⁴ MOLTAMN, Jurgen, *The Church in the Power of the Spirit*, 1993, p. 10.

⁵ GUDER, Darrel. *Missional Church: A Vision for the Sending of the Church in North America*, 1998, p. 66.

⁶ BLAW, Johannes, *A Natureza Missionária da Igreja*, 1962.

⁷ BLANK, Renold J. *Ovelhas ou Protagonistas? A Igreja e a Nova Autonomia do Laicato no Século 21*. 2006, p. 38.

⁸ WHITE, Ellen G., *op. cit.*, p. 79.

⁹ KIRK, J. Andrew, *O que é Missão? Teologia Bíblica de Missão*, 2006.

¹⁰ BOSCH, David, *Missão Transformadora: Mudança de Paradigma na Teologia da Missão*, 2002, p. 391.

¹¹ HIRSCH, Alan, *The Forgotten Ways: Reactivating the Church*, 2006, p. 82.



Félix H. Cortez
Professor de Novo Testamento

Retirado da revista *Adventist World* de fevereiro de 2024.

Ouvidos para ouvir

Como estudar a Bíblia
e deixar a Escritura
falar por si mesma.



Já se interrogou por que razão a Cruz surpreendeu os discípulos de Jesus? Jesus disse repetidamente aos Seus discípulos, e com clareza, que Ele devia “sofrer muitas coisas ... e ser morto” (Mateus 16:21, *ARA*; ver também Mateus 17:22 e 23; 20:17-19). Como foi possível que os discípulos ignorassem avisos tão claros? Estavam fechados os seus ouvidos?

Os discípulos não queriam acreditar que Jesus iria morrer. Eles resistiram a essa ideia (veja Mateus 16:22 e 23; Marcos 8:32 e 33). Eles queriam que Jesus fosse um rei terreno, descurando ou esquecendo as profecias sobre o sofrimento do Messias; que Este seria ferido ao esmagar a cabeça da serpente (Gênesis 3:15); “morto” (Daniel 9:26, *ARA*), “trespassado pelas nossas transgressões” e “moído pelas nossas iniquidades” (Isaías 53:5, *ARA*). Estas passagens contrariavam tudo o que os discípulos sempre tinham crido sobre o Messias e, talvez mais importante, contrariavam o seu forte desejo de que Jesus vencesse os Romanos e

estabelecesse um reino terrestre. Eles não tinham “ouvidos para ouvir”.

Talvez já se tenha interrogado: Como posso ter “ouvidos para ouvir” o que Deus diz por meio da Sua Palavra, a Bíblia? Como posso estudar a Bíblia de uma forma que permita que ela fale por si mesma? Este artigo partilha alguns passos simples e práticos para se estudar a Bíblia fielmente, começando com a procura da orientação do Espírito Santo através da oração.¹

Ore e procure a orientação do Espírito Santo

O primeiro passo é aproximarmo-nos da Bíblia com a atitude correta, pedindo a Deus que nos guie para que possamos ver para além das nossas inclinações e dos nossos desejos. Peça ao Espírito Santo que o guie em toda a verdade (João 16:13). Por outras palavras, peça a Deus que afaste os seus desejos e erros de compreensão e lhe dê ouvidos para ouvir.

Depois de Cristo ter ressuscitado de entre os mortos, Ele aparecer a dois

O primeiro passo é aproximarmo-nos da Bíblia com a atitude correta, pedindo a Deus que nos guie para que possamos ver para além das nossas inclinações e dos nossos desejos.

seguidores Seus na estrada para Emaús e “começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lucas 24:27, *ARA*). Esmagados pelo desapontamento e em busca de respostas, os discípulos tinham agora ouvidos para ouvir o que a Escritura tinha a dizer sobre Jesus.

Necessitamos de ter a mesma disponibilidade para escutar Deus por meio da Bíblia – ouvir “todas as Escrituras”, mesmo se há algumas passagens que contradizem as nossas crenças ou os nossos desejos. Ellen G. White escreve: “Estivesse Jesus conosco hoje, e nos diria, como disse aos discípulos: ‘Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora’ (João 16:12). Jesus anelava abrir ao espírito dos discípulos verdades vivas e profundas, mas o seu caráter terreno, a sua compreensão deficiente e enuviada, tornavam isso impossível. Não podiam ser beneficiados com verdades grandes, gloriosas e solenes. A ausência de crescimento espiritual fecha a porta aos ricos raios de luz que resplandecem de Cristo. Jamais alcan-

çaremos um período em que não haja para nós acréscimo de luz.”²

Frequentemente, interpretações erradas da Escritura resultam não da cabeça, mas do coração (Veja II Tessalonicenses 2:10, 12; II Timóteo 4:1-4). Assim, peça a Deus para que lhe abra o coração a fim de receber os Seus ensinamentos.

Análise o texto

Compreender um texto requer trabalho, incluindo ler textos individuais à luz de outros textos ao seu redor.

Comece por selecionar um parágrafo, a unidade básica de significado na Bíblia. Por vezes, as Bíblias identificam os parágrafos com um espaço extra entre as linhas ou com um recuo no começo de uma frase. Na maior parte dos casos, um capítulo da Bíblia não é o mesmo que um parágrafo.

Depois, analise o parágrafo dando os seguintes quatro passos:

Primeiro, identifique a ideia principal do parágrafo. O que está o autor a tentar dizer?

Segundo, considere como o autor desenvolve essa ideia. Qual é a estrutura lógica do parágrafo e a forma das suas afirmações?

Terceiro, identifique os elementos históricos ou culturais que possam impactar o significado do texto. Como pode um melhor entendimento do autor, da sua audiência e das circunstâncias históricas ajudar-nos a compreender a passagem?

Quarto, repare nas palavras importantes do parágrafo. Há palavras que necessitamos de compreender melhor?

Depois disto, leia o mesmo parágrafo em duas (ou mais) outras traduções (se possível).

Explore a estrutura literária

Para compreender o papel que a passagem desempenha na transmissão da mensagem do livro bíblico e na mensagem geral da Escritura, precisamos de compreender a estrutura literária do livro em que se encontra o nosso parágrafo. Se a mensagem do parágrafo não se ajusta bem à mensagem do livro, isto indica que não interpretámos corretamente o parágrafo.

O parágrafo é uma peça de um *puzzle* que se alinha com outras peças da Escritura. O problema dos discípulos foi que eles falharam em crer tudo o que os profetas tinham dito sobre Jesus (Lucas 24:25). Por exemplo, se queremos compreender a instrução de Paulo sobre as mulheres terem de guardar silêncio na igreja, devemos reparar em outros versículos que falam sobre as mulheres na igreja. Quando fazemos isso, descobrimos que a orientação de Paulo tinha que ver com a ordem na igreja e não se destinava a impedir as mulheres de falar (compare I Coríntios 14:34 e 35 com 14:33, 40; Lucas 2:36; Atos 21:9).

As boas Bíblias de estudo e os bons comentários bíblicos proveem informação sobre a estrutura e a função

O parágrafo é uma peça de um puzzle que se alinha com outras peças da Escritura.

literárias na introdução a cada livro da Bíblia. Estas introduções descrevem a mensagem do livro e a estrutura dessa mensagem. No entanto, lembre-se que os comentários e as notas de estudo são escritos de acordo com as pressuposições dos seus autores. Procure aqueles que têm uma elevada perspectiva sobre a Escritura – Acreditando que a Escritura é a inspirada Palavra de Deus (veja II Timóteo 3:16). E dê sempre prioridade ao que diz a própria Escritura. Os escritos de outros podem ajudá-lo a compreender os ensinamentos da Bíblia, mas nunca devem ser usados para julgar ou substituir esses ensinamentos.

Considere o género literário

Em seguida, considere o tipo de escrito (o género literário) de uma passagem e do livro em que esta se encontra. Por exemplo, considere se é narrativa ou poesia ou outra coisa (*e.g.*, Literatura de Sabedoria, Profecia ou Epístola). Isto faz muita diferença no modo como a passagem deve ser compreendida.

Por exemplo, narrativas (como Génesis 1 ou I e II Samuel) descrevem acontecimentos históricos, mas tipicamente não nos dizem exatamente que lições retirar dessas histórias. Abraão, Jacob e David tiveram mais do que uma esposa, mas a Bíblia não endossa a poligamia. Em vez disso, estas histórias simplesmente descrevem o que aconteceu. Temos de olhar para as consequências de tais ações, que os próprios livros descrevem, para compreender a lição e ver os outros ensinamentos claros da Escritura sobre o ideal de Deus (veja Génesis 2:24).



As Epístolas (Cartas) na Bíblia, por outro lado, oferecem realmente lições específicas, mas são escritas para uma audiência original específica (veja mais sobre isto em seguida). Por exemplo, quando Paulo deixou Timóteo a pastorear a igreja em Éfeso (I Timóteo 1:3), Paulo instruiu-o para não incluir viúvas com menos de 60 anos na recepção do apoio da igreja e expressou o seu desejo de que estas viúvas casassem e tivessem filhos (I Timóteo 5:9-16). No entanto, em Corinto, ele sugeriu que pessoas solteiras e viúvas não se casassem se o pudessem evitar (I Coríntios 7:1-9). Paulo não se estava a contradizer. Paulo estava a falar sobre diferentes circunstâncias históricas e culturais em Éfeso e em Corinto.

Passagens poéticas usam linguagem figurativa ou metafórica para imprimir uma mensagem na nossa mente, mas a poesia não é destinada a ser compreendida literalmente. Quando Jesus falou sobre o fogo eterno ou

inextinguível que destruirá os ímpios, Ele estava a referir-se à linguagem poética de Isaías 34:9-15. Essa passagem fala sobre a *destruição* de Edom por um fogo eterno que destruiu tudo para sempre. É claro que o fogo não continuou a arder para sempre, dado que a passagem também diz que animais e aves habitariam nessa terra.

Explore o contexto histórico e cultural

É importante compreender os valores culturais, os costumes, os símbolos e as práticas relevantes presentes numa passagem a fim de se compreender corretamente o seu significado. Por exemplo, falhamos em compreender plenamente a história do bom Samaritano quando esquecemos as restrições culturais e legais que proibiam os sacerdotes de tocarem o corpo morto de alguém exceto dos seus parentes mais próximos (veja Levítico 21:1-4). Semelhantemente, não compreenderemos as ações de Rute (veja Rute 3:6-15) ou as instruções de Paulo sobre o véu (veja I Coríntios 11:2-16) se não compreendermos os costumes culturais e legais do seu tempo.

Pode aprender mais sobre o contexto histórico e cultural de uma passagem usando um bom dicionário bíblico ou um bom comentário bíblico. No entanto, dê sempre prioridade ao que a Bíblia ensina sobre a história e a cultura que seja relevante para essa passagem.

Primeiro, devemos compreender a passagem no contexto da história humana. Por exemplo, necessitamos de compreender as Epístolas de Paulo

no contexto da história da Igreja em Atos dos Apóstolos. Não compreenderemos Gálatas sem compreender o que aconteceu no Concílio de Jerusalém (veja Atos 15). Do mesmo modo, não podemos compreender adequadamente Daniel 8 e 9 independentemente das profecias de Jeremias. Malaquias é, igualmente, mais bem compreendido no contexto da vida e do ministério de Neemias.

Segundo, necessitamos de compreender a passagem no contexto da História da Salvação. A melhor forma de se compreender a amplitude do procedimento de Deus com a Humanidade é ler a história da Escritura. Maravilhosas intuições sobre esta história podem encontrar-se nos cinco volumes da série “Conflito dos Séculos” escritos por Ellen G. White (*Patriarcas e Profetas, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, Os Atos dos Apóstolos e O Grande Conflito*).

Explore o significado de palavras importantes na passagem

Pode cavar mais fundo na compreensão das palavras importantes de uma passagem usando uma concordância ou uma Bíblia digital.³ As Concordâncias apresentam uma lista de cada uso de uma palavra por um autor bíblico ou ao longo da Bíblia.

Quando compreendemos como palavras-chave numa passagem são usadas noutras partes da Bíblia, isso ajuda-nos a compreender melhor os conceitos, as pessoas ou os temas da Bíblia. Por exemplo, uma pesquisa sobre a palavra “pastor” ajuda-nos a compreender que, quando Jesus se auto-de-

signou “o bom pastor” (João 10:11), Ele declarou indiretamente ser *Yahweh*, que vinha resgatar as Suas ovelhas maltratadas e dispersas (veja Salmo 23; 80:1; Jeremias 23; Ezequiel 34).

Além do mais, todos aqueles que falam mais do que uma língua sabem que diferentes línguas frequentemente não têm os equivalentes exatos para certas palavras. Por exemplo, a palavra grega *teleios* significa “perfeito”, mas também “maduro”, “crescido” e “iniciado”. Assim, “perfeição” no Novo Testamento não significa exatamente a mesma coisa que significa em português. Um bom comentário pode ajudá-lo neste aspeto. Além disso, existem *websites* gratuitos que dão acesso às palavras originais da Bíblia e que podem ser usados mesmo por aqueles que não leem essas línguas.⁴

Leia a Bíblia com outras pessoas

Deus instruiu-nos a que nos reunamos para ler a Escritura e para nos encorajarmos mutuamente (Hebreus 3:13; 10:25; I Tessalonicenses 5:27; I Timóteo 4:13). Ler a Bíblia com outras pessoas é importante porque ajuda-nos a ver as nossas pressuposições e os nossos pontos fracos. Ao lermos as Escrituras juntos e aos nos debruçarmos sobre o seu texto, tentando compreender o seu significado, podemos ajudar-nos mutuamente a alcançar uma compreensão mais rica e mais profunda.⁵

Pratique o que aprendeu

Finalmente, a obediência é um passo importante para se compreender a Escritura. Jesus disse que aqueles que



escolhem fazer a vontade de Deus conhecerão a verdade (João 7:17).

Este era o caso com os discípulos na estrada para Emaús. Quando eles rogaram a Jesus para que ficasse na casa deles, sugerindo que tinham aceitado a Sua mensagem e que queriam saber mais, “os seus olhos se abriram” e eles puderam reconhecê-lo (Lucas 24:31). Por outro lado, a Escritura explica que a deficiência crucial dos que serão enganados no tempo do fim não será a falta de conhecimento, mas uma falta de amor à verdade (veja II Tessalonicenses 2:9-12).

O primeiro passo em direção ao engano não é a ignorância, mas a falta de vontade para obedecer. Jesus comparou aqueles que ouvem as Suas palavras e as *praticam* com um homem que construiu a sua casa sobre a rocha. Quando as cheias vieram e os ventos sopraram, a sua casa ficou firme. Aqueles que ouvem as palavras de Jesus e não as praticam foram comparados por Ele a um homem que cons-

truiu a sua casa sobre a areia. Quando os ventos da falsa doutrina e dos falsos ensinamentos surgiram, a sua casa caiu (veja Mateus 7:24-27).

Além do mais, Paulo avisa que “haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (II Timóteo 4:3 e 4).

Quanto mais praticarmos aquilo que aprendemos, mais compreenderemos e amaremos Deus. Um amor aumentado tornará possível uma compreensão aumentada. Quando experimentamos a verdade da Sua Palavra, isto produz mais confiança de que a Sua Palavra é verdadeira e que as Suas promessas são seguras. Quando experimentamos a bondade da Palavra de Deus, não iremos querer – de facto, não seremos capazes de – permanecer em silêncio. Tal como os discípulos de Emaús.

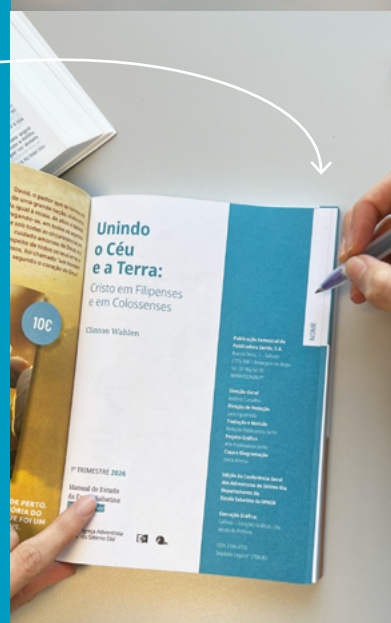
NOVO MANUAL DE ESTUDO DA ESCOLA SABATINA

Como utilizar?

*Escreva o seu nome no espaço
reservado, de modo
a identificar o seu manual*

*Consulte os projetos
financiados pelas
Ofertas de Gratidão*

*Encontre mais facilmente
as lições, agora com a
data também no Índice*



Consulte com mais clareza
a Leitura Bíblica para
o Estudo da Semana

Responda às perguntas e
faça todas as Anotações
que desejar na área
lateral externa da página

Fique a par dos
horários do pôr-do-Sol
na lição de sexta-feira

TIRE O MÁXIMO PROVEITO DO SEU NOVO MANUAL DE ESTUDO DA ESCOLA SABATINA!

Versões:
ALUNO
DINAMIZADOR
LETRA GRANDE

Enriqueça o seu estudo diário com os
Comentários de Ellen G. White ao
Manual de Estudo da Escola Sabatina

PSERVIR.PT



—
Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

**Pode um papiro
egípcio confirmar a
escravatura de José?**

No Museu de Brooklyn, nos Estados Unidos da Amé, encontra-se guardado um papiro que tem sido apontado por alguns investigadores como uma evidência que confirma o relato bíblico de que os hebreus poderiam ter sido sujeitos à condição de escravatura no Egito.

Este papiro foi comprado pelo egiptólogo e jornalista americano Charles Edwin Wilbur, entre 1881 e 1896, numa das suas habituais viagens pelo Egito, subindo o rio Nilo, em busca de antiguidades. Após a sua morte, o documento permaneceu guardado num baú da sua residência, onde ficou esquecido até 1935, quando foi doado pela sua viúva ao museu de Nova York.

A sua proveniência exata nunca foi esclarecida, em virtude da perda de informações sobre o contexto da descoberta. Mas as referências à cidade de Tebas presentes no texto sugerem que o papiro terá sido redigido nessa capital do Alto Egito ou na área envolvente (Hoffmeier, 1997: 61).

O seu conteúdo só foi publicado em 1955, pelo egiptólogo William Hayes. A partir dessa data, o documento passou a integrar o debate académico, sendo igualmente analisado por alguns dos mais destacados arqueólogos do Próximo Oriente, como William Albright e Kenneth Kitchen.

O papiro estava originalmente enrolado, formando um rolo com cerca de dois metros de comprimento. Atualmente, encontra-se repartido por 600 pedaços, que foram colados e restaurados. Apesar dessa fragmentação extrema, o estado geral de con-

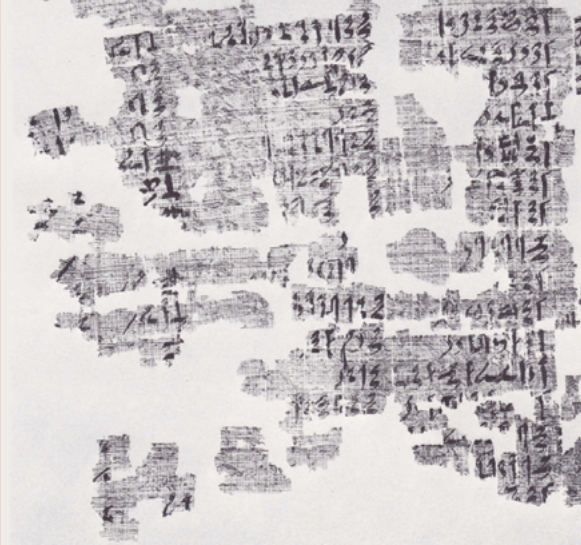


Fig. 1 – Um aspeto das linhas 17 a 32 do Papiro de Brooklyn (In Hayes, 1955: fig. X).

servação é notável, devido em grande parte ao clima seco do Egito, que assegurou a preservação do documento ao longo de milénios.

O texto foi redigido na escrita cursiva hierática do Antigo Egito, que permitia um registo mais rápido em folhas de papiro do que os hieróglifos, facilitando a produção de documentos administrativos e literários.

As diferenças caligráficas observadas indicam que o papiro foi usado de ambos os lados, por diferentes escribas, em sucessivos períodos cronológicos. As partes mais antigas do texto são do tempo de Amenhemet III (aprox. 1830 a.C.) e os acrescentos posteriores mencionam o nome de um faraó chamado Sobekhotep III, que pode ter reinado entre o final do século XVIII e o século XVII a.C. (Posener, 1957: 146). Porém, as incertezas que ainda envolvem a identificação precisa dos faraós deste período, bem como a datação exata dos respetivos reinados, dificultam significativamente o estabelecimento de uma cronolo-

gia sólida e consensual. Ainda assim, o texto é geralmente atribuído à 13ª Dinastia do Egito, que vigorou entre 1809 e 1743 a.C. (Hayes, 1955: 16), muito antes da data tradicionalmente sugerida para o Êxodo (c. 1440 a.C.).

Na parte posterior do papiro encontra-se o texto mais valioso para os arqueólogos bíblicos, que documenta a tentativa de garantir a posse legal de 95 servos domésticos, por Senebtisi, viúva de um nobre de Tebas chamado Ressenreb. O aspeto mais impressionante desta listagem deve-se ao facto de nela figurarem 45 indivíduos com nomes de origem semita, maioritariamente mulheres (Kitchen, 1956).

Tendo em conta que o egípcio antigo não pertence à família das línguas semíticas, ao contrário do hebraico, muitos desses antropónimos mostram afinidades e ecoam de forma inequívoca nomes conhecidos do Velho Testamento.

É o caso de “Siprá” (*S-p-r*), que é uma transliteração com ligeira adaptação fonética do nome hebraico “Shiphra”. Curiosamente, era assim que se chamava uma das parteiras hebraicas mencionadas no relato do Êxodo (a outra chamava-se Puá), a quem Faraó ordenou que matassem todos os recém-nascidos do género masculino de escravos israelitas (Albright, 1954: 233). Contudo, Shifrá e Puá desobedeceram à ordem do Faraó e permitiram que os meninos sobrevivessem (Êxodo 1:15 e 16).

Outro nome feminino redigido no papiro é “Sekerete” (*Sk-r-tw*) que, segundo William Hayes, se encontra intimamente associado aos nomes he-

braicos bíblicos “Sakar” ou “Issakar”, um dos filhos de Jacob e fundador de uma das doze tribos de Israel (Hayes 1956: 95). Na linha 23 é mencionado também o nome feminino de “Ashera” (*s-r*) que poderá constituir um hipocorístico de Asher ou Aser, outro filho de Jacob.

Também na linha 11 da lista surge “Munahima” ou “Menahema” (*m-n-hm*), a versão feminina do nome hebraico “Menahem” que vem registado em II Reis 15:14. Há também uma *Aqoba*, provavelmente a forma feminina do nome “Yakob” (Jacob), bem como o antropónimo “Hayah-war”, em que “Hayah” é o termo de onde se origina o nome “Eva”.

Pode-se encontrar até mesmo um servo com o nome *Dawidi-huat*, um antropónimo que emprega o radical do nome do rei David. E há ainda um *Ayyabum*, que lembra o nome do patriarca “Ayob” (Job).

Para David Rohl, que escreveu o livro *Êxodo, Mito ou História*, se colocarmos o Êxodo no final da 12ª ou 13ª dinastia, estes homens e estas mulheres eram os próprios Israelitas acolhidos no Egito, que se multiplicaram significativamente e acabaram por se tornar escravos.

Segundo este autor, o facto da maioria dos nomes documentados pertencer ao sexo feminino poderia até sugerir uma correlação com a narrativa bíblica, na qual o Faraó ordenou a morte entre os hebreus de todos os recém-nascidos do sexo masculino, poupando as meninas. Embora esta hipótese seja tentadora, ela implicaria um enorme anacronismo, visto que o papiro é bem anterior ao Êxodo.





Fig. 2 – Detalhe do portal bubastita do templo de Karnak, no Alto Nilo, com a representação de escravos “asiáticos” oriundos de Canaã (©2025 Digital Karnak).

Por isso, alguns críticos colocam objeções à correlação explícita entre os indivíduos listados no papiro e o povo de Israel. Eles alegam que este achado não constitui uma evidência concreta da presença de escravos hebreus no Egito, porque a cronologia e o contexto do documento escrito não são coincidentes com a Bíblia.

Na verdade, o papiro não sugere qualquer tipo de escravidão em larga escala. Também não identifica etnias específicas, mas apenas lista as funções de alguns servos domésticos com nomes “asiáticos”: Designação comum para as populações provenientes da faixa levantina, correspondente, em termos gerais, aos atuais territórios de Israel, Líbano e Síria.

No registo das suas ocupações servis, constata-se que dois desses homens eram empregados domésticos, outros dois exerciam funções de cozinheiros e um era cervejeiro, enquanto a maioria das mulheres estrangeiras trabalhava na confecção de vestuário ou tomava conta da despensa de mantimentos (Posener, 1957: 147).

Por isso, para os historiadores, o elemento de maior interesse neste texto é o facto de um oficial do Alto Egito possuir 45 criados asiáticos. A presença de tantos estrangeiros numa única residência familiar sugere que a população de cananeus no vale do Nilo teria aumentado significativamente durante a 13ª Dinastia (Hayes, 1955: 99).

Agora, se este mesmo número de servos existisse em cada família egípcia com posses económicas, como é que tal quantidade de semitas chegou ao Egito, naquela época, para serem empregados domésticos?

Hayes argumenta que eles não poderiam ter sido cativos de guerra, uma vez que não há registo de nenhuma grande campanha militar em Canaã, durante a 13ª dinastia ou anterior a esta (*Idem*: 99). O investigador defende que apenas o intenso tráfico de escravos do Levante justificaria este número elevado. E este é, precisamente, um facto que encontra paralelo na narrativa de José, descrita no livro de Génesis.

No capítulo 37, José é vendido pelos seus irmãos e levado como escravo para o Egito por uma caravana de comerciantes asiáticos (McAfee, 2024: 27). A Bíblia narra que, posteriormente, José foi integrado numa casa de elevado estatuto social, pertencente a Potifar, ocupando funções domésticas de elevada responsabilidade e confiança.

Contudo, este papiro não constitui prova direta do episódio bíblico da venda de José como escravo, uma vez que o documento não faz referência explícita à compra de escravos. Ainda assim, o texto pressupõe a existência

de um sistema no qual estrangeiros de origem semita eram adquiridos, registados e integrados em casas egípcias. Este dado converge com o quadro social descrito no relato bíblico, ao atestar a presença de indivíduos de condição servil durante um período compatível com a narrativa patriarcal, tornando o episódio historicamente verosímil e coerente com o contexto egípcio da época.

De acordo com o relato de Génesis, a família de José estabeleceu-se no Egito e aumentou em número, dando origem a uma comunidade significativa que, por motivos de ordem social e política, veio a ser submetida posteriormente à escravidão egípcia, conforme narrado no início do livro do Êxodo.

Embora os Israelitas estivessem radicados, sobretudo, na região nordeste do Delta do Nilo, em torno das cidades de Ramsés, Pitom, Tânis e On, a sua presença poderia não se restringir exclusivamente a esses núcleos e estender-se para áreas mais meridionais, como Tebas, de onde provém o papiro, pois a dinâmica administrativa, económica e social do Egito faraónico favorecia a dispersão de populações estrangeiras por diferentes localidades, desde o Delta até ao Alto Nilo.

Provavelmente, muitos destes estrangeiros casaram-se com egípcios, adotaram crenças e tradições das terras do Nilo, foram absorvidos pela corrente cultural dominante e poucos permaneceram leais à sua herança cananeia. Por isso, não são visíveis em terras do vale do Nilo vestígios de cultura material semita, na arquitetura, na arte, na cerâmica e noutros artefactos, e apenas algumas palavras e nomes de indivíduos indicam claramente essa presença no país.

Apesar de se tratar de um texto com certo grau de complexidade interpretativa, o papiro de Brooklyn constitui o registo mais antigo conhecido da presença de indivíduos de origem semita a trabalhar como servos na região, permitindo estabelecer uma relação contextual significativa com a narrativa bíblica da história de José, ainda que sem a confirmar diretamente. Ao indicar que essas populações já se encontravam em território egípcio antes de 1440 a.C., muito antes do Êxodo, o documento oferece uma base temporal sólida para a análise histórica do período em questão e demonstra que a presença de hebreus no Egito não é anacrónica, mas está historicamente documentada.

Bibliografia:

ALBRIGHT, William F. (1954) – “Northwest-Semitic Names in a List of Egyptian Slaves from the Eighteenth Century B.C.”. *Journal of the American Oriental Society*. 74, pp. 222 e 233.

HAYES, William Christopher (1955) – “A Papyrus of Late Middle Kingdom in the Brooklyn Museum”. *Papyrus Brooklyn*. 35, 1416. [Wilbour Monographs, 5] (reimpressão 1972). Nova Iorque.

HOFFMEIER, James K. (1997) – *Israel in Egypt: The Evidence for the Authenticity of the Exodus Tradition*. Oxford: University Press.

KITCHEN, Kenneth (1956) – “A Recently Published Egyptian papyrus and its Bearing on the Joseph Story”. *Tyndale Bulletin*. 2:1-2.

MCAFFEE, Matthew (2024) – “The Sale of Joseph in Genesis 37:18–26: Narrative Cohesion and Coherence”. *Journal of Hebrew Scriptures*. 24, pp. 1-30.

POSENER, Georges (1957) – “Les asiatiques en Égypte sous les Xlle et XIIIe dynasties”. *Syria*. 34, pp. 145-163.

ROHL, David (2015) – *Exodus – Myth or History? Thinking Man Media*.



Pedro Campos

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Há histórias que começam com rebeldia e terminam com propósito. Hoje, no Olhos nos Olhos, recebemos um homem que percorreu um caminho improvável do menino irrequieto e aventureiro até ao adulto que encontrou, na entrega e no serviço, o verdadeiro sentido da vida. Pedro Miguel Oliveira Ramos de Campos nasceu a 18 de fevereiro de 1974, em Coimbra, na freguesia da Sé Nova. Hoje, o impulso da missão leva-o até África, onde é responsável pelas infraestruturas da Missão Andrews, um projeto que apoia o desenvolvimento e a evangelização em várias regiões. Empresário do ramo automóvel, marido da Sara e pai da Maria, de dez anos, e do João, de sete, o Pedro é um homem de ação.

ED: Pedro, tu começaste a frequentar a Igreja Adventista aos seis anos. Como aconteceu isso? Os teus pais eram Adventistas?

PC: Não eram Adventistas. A minha mãe começou a frequentar a igreja. Depois, conseguiu convencer o meu pai a ir. E, depois, nós fomos por arrasto e começámos a participar. Eu gostei sempre de ir à igreja. Principalmente por causa do Clube de Desbravadores. No final dos anos 70, início dos anos 80, Monsarros era uma região muito interior. Muito mais fechada do que Aveiro, Coimbra, Porto ou Lisboa. Não tínhamos acesso a tanto conhecimento, a tantos materiais... Uma das coisas que me levou a voar,

em pensamento, foi precisamente o Clube de Desbravadores.

ED: Tu eras um aluno que se esforçava ou não gostavas dos livros?

PC: Fui um aluno médio até acabar o ciclo preparatório. Depois, quando fui para o sétimo ano, foi a desgraça total. Talvez pelas companhias, pelo espírito rebelde. E aí reprovei, salvo erro, três anos seguidos. Depois fui para o Colégio Adventista em Oliveira do Douro.

ED: Já sonhavas ser empreendedor?

PC: Sim, sempre sonhei em trabalhar por conta própria. Embora tenha começado a trabalhar por conta de outrem. Já nessa altura, pensava em ganhar dinheiro para abrir um negócio meu. Descobri o meu próprio caminho. Com muitos erros. Errei muito. Mas com os erros é que se aprende. Acho que é impossível evoluir sem erros.

ED: Pedro, qual terá sido aquele momento que mais te fez sofrer na vida?

PC: O que mais me fez sofrer? É difícil dizer. Não tenho assim muitas partes de sofrimento. Sempre fui uma pessoa abençoada e sempre lidei bem com a frustração. Não tenho assim uma história muito difícil. Tento aproveitar os momentos maus ou as fases difíceis para me autodisciplinar e avançar ainda mais.

ED: És um empresário do ramo automóvel. Foi difícil criar uma empresa?

PC: Criar é fácil. Manter é outra coisa. Especialmente porque, hoje, há muitos impostos, tudo é caro. É preciso ter muita cabeça. Nós vamos aprendendo com o insucesso até chegarmos ao momento em que já sabemos mais alguma coisa. Nunca tudo, porque estamos sempre a aprender até morrer. Não podemos desistir. Então é insistir, insistir. Se der errado, temos de ver o que correu mal, temos de fazer uma autoanálise. De preferência escrever numa folha, analisar bem isso e melhorar. Mesmo nas minhas escolhas, atualmente, eu ponho numa folha de papel as vantagens e as desvantagens. Escrevo as vantagens todas e escrevo todas as desvantagens. E depois faço o somatório e decido.

ED: Falemos da Missão Andrews. Tudo começou numa viagem que tu fizeste em 2020 até África. Foi a primeira vez que foste à Guiné-Bissau?

PC: Não, já tinha ido à Guiné-Bissau. Salvo erro em 1999 ou em 2000, mas por motivos completamente distintos. Fui em trabalho, por conta

Mesmo nas minhas escolhas, atualmente, eu ponho numa folha de papel as vantagens e as desvantagens. Escrevo as vantagens todas e escrevo todas as desvantagens. E depois faço o somatório e decido.



de uma empresa. Só que apenas havia avião uma vez por semana e fui tratar de um assunto que demorou meia hora. E, então, foi assim que conheci as Ilhas dos Bijagós. Fui à Igreja Adventista de Bissau. Perguntei onde é que era precisa ajuda. E eles disseram que estavam a construir uma igreja nos Bijagós. Eu perguntei se era preciso alguma coisa e eles disseram-me que, se eu conseguisse comprar cimento e levar para lá, seria ótimo. Consegui arranjar um barco de um pescador. Uma piroga. A piroga é um barco de madeira, aí com cinco metros. Fomos mar dentro várias horas, no nevoeiro. Eu pensei que já nunca mais ia voltar. Cheguei a uma das ilhas. Bubaco, nos Bijagós. Entreguei o cimento. Tirei umas fotografias do início da construção da igreja. Depois, durante 20 anos, isso apagou-se da memória, até que, por uma mera coincidência, alguém que estava na Guiné me veio comprar um carro, um Porsche. Eu nem dei muita atenção a esse senhor. Mas ele disse que vivia na Guiné. E eu disse-lhe: “Já estive na Guiné há 20 anos. Fui aos Bijagós.” Eu,

naquela altura, estava para ir de férias. E então resolvi ir à Guiné, porque quis ir ver como é que estava a igreja para a qual eu tinha levado cimento há 20 anos. Cerca de um ou dois anos antes, eu andava a orar para Deus me dar um propósito na vida. Para Deus me usar da maneira que Ele quisesse. Viajei então para à Guiné e fui visitar as ilhas Bijagós. Estavam lá dois missionários brasileiros. Eu fui na altura certa, em que eles estavam a começar um projeto missionário. Fui à procura da igreja. Ninguém sabia onde era. Consegui encontrá-la por causa dos hinos que estavam a cantar. Mas eram poucas pessoas. Só cerca de cinco pessoas, mais os missionários.

ED: Em quantas ilhas é que tu estás a ter alguma intervenção com este projeto?

PC: Neste momento, são três ilhas específicas. Uma é mais habitada. À volta de três mil pessoas. Não há saneamento básico. Não há eletricidade, a não ser por gerador. Estas três mil pessoas vivem com muitas dificulda-

des. E com muitas doenças. Há pouco comércio. O comércio que lá existe depende da época do caju, porque a Guiné-Bissau era um dos maiores produtores do mundo de caju. É onde eles podem ganhar algum dinheiro.

ED: Então, a primeira vez que visitaste a maior ilha das Bijagós, foste com a tua mulher e com os teus filhos e ficaram lá um dia?

PC: Fiquei uma semana. Depois os missionários que lá estavam, o Luís e a Elaine, convidaram-me para ficar com eles a almoçar. Porque eu estranhei. O que fazem aqui dois brancos perdidos nesta ilha? E eles também acharam estranho ver outros brancos, com os filhos pequenos. Eu expliquei que tinha ido levar cimento há 20 anos. Mostrei fotografias que tirei na altura. Então eles convidaram-me para participar no projeto. Disseram-me que queriam construir uma escola. Eu disse: “É impossível.” Isso era a mesma coisa que construir o *Burja Khalifa* em Monsarros.

ED: Em que momento é que viste que era possível?

PC: Os loucos nunca estão sós. E o projeto não era meu. Era da *Missão Andrews*. A missão de missionários que se deslocaram para lá. Estes missionários são do meu género. Gostam de desafios. São missionários brasileiros. Mas quanto a construir a escola, eu não acreditei. Porque naquelas ilhas não há construções de tijolo. Os tijolos têm de ser feitos um a um, à mão, e secos ao sol. Não há ferro. Não há cimento. Não há água canalizada. Não



há nada. E, ainda para mais, o primeiro desenho, a planta da escola, foi feito com um pau no chão de areia. Eu não acreditei muito. Mas depois, quando se começou a construir e a ver as coisas acontecerem, aí comecei a acreditar. E aí, entro eu. E quando entro num projeto, eu gosto de dar tudo. A partir dali, eu impulsionei a construção. Mas antes de mim, houve pessoas que foram muito importantes para dar a ignição ao projeto.

ED: E como é que o dinheiro aparece? Presumo que, no início, e se calhar ainda hoje, muito do dinheiro és tu que vais colocando. Mas tu só não consegues sustentar uma coisa desta dimensão, certo?

PC: Eu, no início, punha algum dinheiro, mas não muito. Entretanto, as viagens és tu que pagas. Qualquer missionário que vai em missão tem de



Quando estamos a servir algo maior na obra de Deus e confiamos a Deus a responsabilidade de arranjar os recursos, Ele demonstra que é responsável por isso. Basicamente porque faz aparecer dinheiro do nada.

custear toda a viagem, desde as passagens até à alimentação. Mas o dinheiro foi aparecendo sem nós pedirmos. Lá está, quando estamos a servir algo maior na obra de Deus e confiamos a Deus a responsabilidade de arranjar os recursos, Ele demonstra que é responsável por

isso. Basicamente porque faz aparecer dinheiro do nada. Nós chegámos a ter uma doação com mais de cinco dígitos e não estou a falar de mil euros. Estou a falar de vários milhares de euros. Doações de pessoas que não conheciam a Igreja Adventista, nem me conheciam. Uma pessoa simplesmente viu-me num vídeo e disse que queria transferir dinheiro para ajudar. E quando fomos a ver a transferência, era mesmo muito dinheiro. Nós ficámos admirados: “Como é possível?” Eu tentei ligar para a pessoa, mas ela não atende o telefone. Só comunica por mensagem. E escreveu que confia em nós. Eu disse-lhe: “O senhor enviou tanto dinheiro, porque acredita em nós?” Ele respondeu: “Eu acredito, não se preocupe. Utilizem o dinheiro.” Temos tido várias experiências. Até com pessoas de outras denominações religiosas, que passam vídeos a apresentar a Igreja Adventista como patrocinadora por trás da *Missão Andrews* e, ainda assim, nos dão o seu apoio.

ED: O que sentes ao ver este projeto desenvolver-se?

PC: Realizado. Satisfeito. Mas, na realidade, quem ganha mais até sou eu. E há uma coisa que eu quero dizer acerca desta escola, que começou só como uma escola e que, rapidamente, se desenvolveu seguindo o exemplo de Jesus. Cristo não tratou logo de falar de religião, mas começou por tratar das necessidades básicas. E nós, quando acabámos a escola (acabámos não, pois é um projeto interminável. Está sempre em obras e em manutenção), vimos que as crianças iam, muitas delas, sem uma única refeição para a



escola. Elas iam com fome para a escola. Então, nós, seguindo o exemplo de Jesus, decidimos montar uma cantina. Alguém se ofereceu para pagar essa cantina. Tal como alguém se ofereceu para pagar os pratos, para oferecer um fogão. Porque eles não tinham água potável, alguém se ofereceu para ir lá montar um sistema, com painel solar, de purificação da água. Eu sinto-me muito realizado por isso. Não só pela escola, mas também por esta contribuição para colmatar as necessidades que aquelas crianças têm. Enviar médicos e enfermeiras para a ilha também é uma satisfação. É um privilégio poder fazer a diferença na vida de alguém. Só que eu, na minha vida, pensei que ia mudar uma ou duas pessoas. Mas acabei por fazer a diferença na vida de centenas de crianças.

ED: Pedro, mesmo para terminar, eu gostava que tu partilhasses um pouco sobre qual é o teu próxi-

mo passo. O que sonhas ainda fazer na vida destas crianças? O que ainda gostavas de fazer, o que ainda sonhas, o que ainda precisas?

PC: Para já, quero manter o impulso que temos. Estamos a fazer crescer, noutras ilhas, outras escolas. Já vamos inaugurar uma em outubro de 2026. A construção está a correr bem. Graças a Deus, através de doações, já temos dinheiro quase suficiente para terminar. Gostaríamos de expandir o projeto, de criar uma rede de escolas. Cada uma delas, se possível, com projetos agrícolas, para mudar a mentalidade destas crianças. Para poder ser um trunfo para elas no futuro. No fundo é isso. É uma tentativa de conseguir que estas novas gerações possam ter acesso a algo que as anteriores nunca conseguiram ter. E só é possível mudar o mundo começando pelas crianças. Só ensinando as crianças. Estando elas numa escola que tem água potável, que tem canalização, que tem energia, que tem comida, vão sonhar em ter isso no futuro na sua vida adulta e vão querer também dar isso aos seus filhos. É isso que as vai motivar e vai motivar o povo daquelas ilhas a crescer e a desenvolver-se.

ED: Como gostarias de ser lembrado?

PC: Nunca pensei nisso. O que já pensei, sim, é que, um dia, se os meus filhos tiverem de atravessar dificuldades, alguém possa fazer o mesmo por eles.

ED: Obrigado Pedro.

PC: Obrigado eu.

ASA – LAPI



—
Bruno Silva
Diretor Geral

A Assistência Social Adventista (ASA) – Área de Ação de Apoio à Terceira Idade e Área de Apoio à Integração Social e Comunitária, atua através da rede de Lares Adventistas para Pessoas Idosas: LAPI Norte, LAPI Centro, LAPI Sul e LAPI Madeira.

Olhamos para cada um dos nossos estabelecimentos como Centros de Influência, lugares onde a missão está em marcha, 24 horas por dia. Fazemos, por isso, uma breve descrição daquilo que têm sido os projetos implementados que visam dar corpo a esta estratégia de missão.

Pela graça de Deus, tivemos a oportunidade de realizar o primeiro Programa de Páscoa no LAPI Centro a 15 de abril de 2025. O objetivo era poder transmitir, de forma clara, o verdadeiro sentido desta época. Esta atividade foi destinada a clientes do centro de dia, do SAD e também às colaboradoras, e foi de enorme proveito espiritual.

Querendo também envolver a comunidade em que estamos inseridos, comunicando uma mensagem de saúde, realizámos, a 25 de maio de 2025, a I Caminhada LAPI Sul, evento integrado nas Jornadas do Desporto do Município de Salvaterra de Magos e em estreita parceria com a ACS (Amigos da Corrida de Salvaterra de Magos), a quem ficamos muito gratos e reconhecidos por todo o apoio prestado.

Como tem sido habitual, foi realizada a Escola Cristã de Férias no LAPI Sul, de 14 a 16 de abril, com um total de 18 crianças a participarem. Este programa foi feito em colaboração com o Núcleo de Desbravadores do Vale

Queimado e tem como principal finalidade a transmissão de princípios e valores cristãos a filhos ou outros familiares dos nossos colaboradores.

A mesma iniciativa foi feita no LAPI Norte, de 30 junho a 4 julho. Contámos com a participação de 20 crianças. Graças ao envolvimento da equipa do LAPI Norte foi possível proporcionar às crianças que participaram um programa de elevada qualidade, com muitos jogos e brincadeiras, e com momentos de elevação espiritual.

A Escola Cristã de Férias também teve lugar no LAPI Centro, de 7 a 11 de julho. Contámos com a colaboração preciosa de membros das três igrejas adventistas de Leiria, a quem muito agradecemos, e tivemos a participação de 24 crianças.

Estivemos representados na Feira de Vocações (na Costa de Lavos), no âmbito do programa GPS ocorrido a 18 de maio de 2025, dando a conhecer a instituição e cativando jovens a poderem colaborar connosco e a poderem envolver-se na nossa missão. No âmbito deste programa, fizemos a integração de dois jovens no LAPI Norte, no mês de setembro, sendo que um dos jovens está agora a colaborar connosco na área da Animação.

Conscientes dos desafios que enfrentam os cuidadores que trabalham em instituições de cariz social envolvidas com a terceira idade, mas também cientes da rotina frenética a que somos sujeitos pela sociedade, promovemos o Programa de Gestão de Ansiedade e Stresse com o Diretor do Departamento de Saúde e Temperança, Rúben Nóbrega, no LAPI Sul, a 7 de outubro



de 2025, e no LAPI Centro, a 28 de outubro de 2025.

Contámos também com um Programa de Saúde Mental realizado pela Pastora Milu Cordeiro, no dia 14 de outubro de 2025, no LAPI Norte, com um forte enfoque espiritual.

No dia 4 de novembro de 2025, realizou-se no LAPI Norte uma ação de sensibilização para o cancro da mama, onde foi reforçada a importância da prevenção e oferecida uma lembrança a todas as colaboradoras.

A última atividade impactante do ano são as festas de Natal, que realizamos em todos os LAPI. O Natal é uma época festiva em que fazemos um esforço de providenciar o momento de encontro entre os nossos idosos e as respetivas famílias e, acima de tudo, de poder revelar o verdadeiro propósito para a comemoração desta quadra: A celebração de Jesus e da Sua obra redentora.

Termino com uma menção especial ao LAPI Madeira que, no dia 18 de dezembro de 2025, festejou o vigésimo quinto aniversário. Além da presença da liderança institucional da UPASD, tivemos a honra de receber a

visita dos representantes do Instituto de Segurança Social da Madeira e da Secretaria Regional de Inclusão Social e Cidadania, o que sublinha o esforço e o compromisso de cooperação.

Ao olharmos para trás, percebemos que o crescimento e a consolidação do LAPI Madeira não foi fruto do acaso, mas da consistência no servir, da dedicação das diferentes lideranças, do empenho dos colaboradores, do apoio das entidades públicas, da confiança das famílias e de uma visão cristã que vê cada pessoa como única e valiosa, especial e amada por Deus.

Neste ano de 2025, em que a **Rede LAPI** celebrou **57 anos de serviço e dedicação**, renovamos o nosso compromisso de estar **presentes 24 horas por dia, todos os dias do ano**, procurando cuidar com amor e excelência daqueles que nos são confiados.

Reconhecemos que **todas as conquistas são frutos da direção divina** e da entrega de todos quantos partilham esta missão. Cada gesto de cuidado, cada sorriso partilhado e cada vida tocada testemunham a **fidelidade de Deus** e o **compromisso da família LAPI** em servir com propósito.



Daniel Bastos

*Diretor da Área Departamen-
tal da Família da UPASD*

Unidade na Família

Um dos Salmos bem conhecidos que David escreveu é o Salmo 133, que trata do tema da união com estas palavras poéticas: “Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes. Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre” (Salmo 133:1-3).

Na famosa oração sacerdotal que Jesus realizou pelos Seus discípulos, registrada no capítulo sete do Evangelho de João, Ele orou para que os discípulos alcançassem entre si uma unidade semelhante à unidade existente entre o Pai e o Filho. Ellen G. White diz-nos que este capítulo deve ser um dos nossos principais objetos de estudo (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 8, p. 239).

Se pensarmos que, na origem da família humana, o casamento foi instituído para ser uma unidade – “o homem se une à sua mulher tornam-se os dois uma só carne” (Gênesis 2:24) – seria quase redundante dizer que o propósito divino para as famílias é que estas vivam em união. No entanto, o desafio para nós é enorme, senão vejamos esta citação do Espírito de Profecia: “Todos os relacionamentos sociais exigem o exercício do domínio próprio, da paciência e da simpatia. Somos tão diferentes uns dos outros em disposição, hábitos e educação, que a nossa forma de ver as coisas varia muito. Julgamos de maneira diferente. A nossa compreensão da verdade, as nossas ideias em relação à vida, não são as mesmas em todos os aspetos. Não há duas pessoas cuja experiência seja igual em cada pormenor. As provas de uma não são as provas de outra. Os deveres que uma acha leves são, para outra, mais difíceis e perturbado-



res” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 371, ed. P. SerVir [2015]).

A educação dos filhos é uma das áreas em que manter a união pode se verificar mais difícil e mais essencial ao mesmo tempo. O capítulo 53 do livro *Lar Cristão* fala em “frente unida” e devia ser de leitura obrigatória para todos os pais e para aqueles que um dia o desejam ser. É tão comum um dos pais ser mais permissivo e o outro mais rígido e crítico. Quem estará certo? Quem estará errado? Provavelmente ambos precisam de ajuda aqui! A Josué, Deus disse que não se desviasse para a esquerda, nem para a direita (Josué 1:7). A esquerda encontra-se conotada com algum permissivismo, com alguma condescendência em relação àquele que deveria ser o caminho estreito que leva à vida. A direita com alguma austeridade, rigidez, criticismo em relação aos outros. Todos nós, seres humanos, tendemos a nos desviarmos do caminho, quer para um lado, quer para o outro. Quando conduzimos numa estrada, não faz muita diferença se nos despitamos pela direita ou pela esquerda. Em qualquer das situações estamos na iminência de um grave acidente. Temos também a tendência de ir para extremos e, por vezes, passamos rapidamente de um extremo para o outro.

Diante da nossa inata incapacidade para viver os ideais que queremos viver e pelos quais Jesus orou, temos, contudo, uma linda promessa: “E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda” (Isaías 30:21).

Portanto, será necessário ouvir essa voz orientadora que imana da presença divina. Será necessário procurar ouvir essa voz (Jeremias 29:12 e 13). A vontade divina é sempre boa, agradável e perfeita (Romanos 12:2), o que não quer dizer que se harmonize com a nossa vontade. Na realidade, na maior parte das vezes vai contra a nossa vontade natural, daí sermos chamados a renunciar a esta (Mateus 16:24). Se o fizermos, entretanto, iremos ver como montanhas de dificuldades no lar se desvanecem e tudo se torna mais simples (Provérbios 3:5 e 6). O Evangelho é, de facto, um simplificador dos problemas da vida.

David associava a unidade entre irmãos a algo tão suave e precioso como o óleo e o orvalho. Uma família unida é, de facto, uma das mais bonitas experiências que podemos ter e testemunhar. É também um poderoso e forte argumento em favor do Evangelho que queremos que os nossos filhos conheçam e aceitem para a sua vida. Por onde deve então esta unidade começar? É preciso procurar ouvir aquela pequena voz cada manhã, cada tarde, através da oração e do estudo dos escritos inspirados e, depois disso, o passo seguinte será este descrito no fim do capítulo 53 de *O Lar Cristão*: “Pai e mãe, unam os vossos corações na mais íntima e feliz união. Não se distanciem, mas unam-se um ao outro mais intimamente; então estarão preparados para unir o coração dos vossos filhos ao vosso pela suave corda do amor” (Ellen G. White, *O Lar Cristão*, p. 304, ed. P. SerVir [2019]).



Conceição Teles

*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*



**“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”
(II Timóteo 4:7).**

**Aponta o telemóvel
e descobre
as surpresas
preparadas para ti:**



[recursos.adventistas.org.pt/criancas/
documentos/espaco-juvenil-herois-da-
biblia-fevereiro-2026/](https://recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-fevereiro-2026/)

Olá, amiguinho! Eu sou o Paulo. Antes de conhecer Jesus, o meu nome era Saulo e nasci em Tarso, como membro da tribo de Benjamim. Eu era um Fariseu muito orgulhoso e pensava que servia Deus ao perseguir os Cristãos. Mas a minha vida mudou completamente quando eu viajava na estrada a caminho de Damasco. Ao meio-dia, uma luz do céu, mais brilhante que o Sol, envolveu-me e caí por terra. Ouvi Jesus perguntar: “Saulo, Sau-

lo, por que Me persegues?” Naquele momento, percebi que Ele era o Salvador! Fiquei cego por três dias e Jesus enviou Ananias para me ajudar. Ele pôs as mãos sobre mim, eu voltei a ver e fui batizado no rio de Damasco. Jesus explicou que eu seria o Seu mensageiro, para falar aos outros.

A partir daí, a minha vida tornou-se uma aventura cheia de perigos, mas eu nunca estava só, porque os anjos de Deus estavam sempre comigo para me proteger.

Viajei para Atenas, onde falei do verdadeiro Criador no Areópago ao ver um altar ao “DEUS DESCONHECIDO”. Em Corinto, trabalhei a fazer tendas com os meus amigos Áquila e Priscila enquanto pregava. Em Éfeso, Deus fez milagres tão grandes que as pessoas queimaram os seus livros de magia para seguir o caminho da verdade. Em Filipos, quando eu e o meu amigo Silas fomos presos, em vez de reclamarmos, cantávamos hinos, até que um anjo foi enviado, a terra tremeu e as portas abriram-se! Mais tarde, enfrentei um naufrágio terrível a caminho de Roma, mas um anjo disse-me para não ter medo, pois Deus salvaria todos os que estavam comigo no navio. Mesmo quando uma cobra venenosa me mordeu a mão na ilha de Malta, sacudi-a para o fogo e Deus não deixou que me acontecesse nenhum mal. Acabei preso em Roma, onde continuei a escrever cartas para as igrejas e a pregar a todos os que me visitavam.

Amiguinho, para mim, a vida com Jesus é como uma corrida que exige esforço. Os atletas daquela época treinavam muito para ganhar uma coroa de folhas de louro, que seca-va depressa, mas o nosso prémio final é muito melhor: É a **VIDA ETERNA**! Agora, posso dizer com muita alegria: **“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda”** (II Ti-

móteo 4:7 e 8). Esta coroa de vitória não é só para mim; **Jesus também tem uma guardada para ti**, que O amas e que esperas por Ele!

Amiguinho, vive uma aventura com Jesus, pois Ele prometeu estar sempre convosco. Sê uma pequena testemunha de Jesus!

O que aprendi com Paulo

- Que Jesus **transforma o INIMIGO** no Seu mensageiro.
- Que podemos ter **ALEGRIA e louvar** Deus mesmo nos momentos mais difíceis.
- A vida cristã é como uma **CORRIDA** que exige esforço e perseverança.
- **Nunca estamos SÓS**: Os anjos de Deus cuidam de nós.
- A nossa força vem de Jesus: **“Tudo posso naquele que me fortalece.”**

Queres ser como Paulo?

- Diz a Jesus, todos os dias: **“Senhor, que queres que eu faça?”**
- **Não tenhas MEDO**, pois Jesus prometeu estar contigo.
- Ajuda quem precisa e escolhe ser uma **TESTEMUNHA** de Jesus.
- Lê a Bíblia e pede o poder do **ESPÍRITO SANTO**.

Desafio: “A Grande Corrida”

1. Desenha uma **pista de atletismo**.
2. No início da pista escreve “Partida” e, no fim, escreve “Meta”. Na meta, desenha uma coroa e escreve: **“VIDA ETERNA”**.
3. Ao longo da pista, desenha os desafios que Paulo enfrentou (prisões, naufrágios, víboras).
4. Esta semana, “treina” o teu coração e escolhe fazer o que é certo, para honrares Jesus.
5. Coloca o desenho num lugar visível para te lembrares de seguir até à Meta.



Daniel Vicente
*Diretor do Serviço de Espírito
de Profecia da UPASD*

ESPÍRITO DE PROFECIA

O Dom Profético de Confirmação

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem uma posição bem clara acerca do dom profético de Ellen G. White. No *Manual de Igreja*, votado pelos seus delegados mundiais, reunidos em Assembleia Geral, podemos ler: “As Escrituras testificam que um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma marca identitária da Igreja remanescente e acreditamos que ele se manifestou no ministério de Ellen G. White.”¹ Mas qual é o papel que o ministério profético tem para a Igreja Adventista do Sétimo Dia?

Alguns, mesmo no seio desta Igreja, veem os escritos de Ellen G. White como uma segunda Bíblia. No entanto, é a própria Ellen G. White que afirma: “Quando uma mensagem é apresentada ao povo de Deus, ele não deve erguer-se em oposição a ela; deve ir à Bíblia, comparando-a com a lei e o testemunho, e se não subsistir à prova, não será ver-

dadeira.”² Também não é como uma segunda Bíblia que a Igreja Adventista do Sétimo Dia vê o dom profético de Ellen G. White: “Eles [os escritos de Ellen G. White], também deixam claro que a Bíblia é o padrão pelo qual todos os ensinamentos e experiências devem ser testados.”³

Para a Igreja Adventista do Sétimo Dia o dom profético não se substitui à Bíblia, nem toma o seu lugar. A Bíblia é o único padrão através do qual podemos medir todos os dons, incluindo o dom de profecia.⁴ O papel do dom profético é sempre o de reorientar, recordar, consolar e alertar a Igreja, dirigindo-a na direção certa, de acordo com a cosmovisão bíblica. Pelo que nenhuma mensagem profética pode subverter, subestimar, substituir ou alterar a mensagem bíblica. Se o fizer, já não é, com toda a certeza, uma mensagem da parte de Deus. Foi esse o padrão

que a Igreja primitiva, orientada pelo Espírito Santo, usou para estabelecer quais os profetas que integrariam e formariam o Cânon das Escrituras. Este deve ser seguido, e tem de ser seguido, para se avaliar qualquer mensagem que se destine ao povo de Deus através de um profeta não canônico que possa surgir entre ele. Foi assim sempre que um profeta canônico, inspirado por Deus, citou uma mensagem profética, igualmente inspirada, de um profeta não canônico.⁵ E é com este padrão em mente que devemos consultar, ler e estudar os escritos de Ellen G. White. Nenhuma das vinte e oito crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia é baseada ou fundamentada em algum dos ensinamentos, das orientações ou dos conselhos de Ellen G. White. O ministério profético de Ellen G. White, no tocante ao estabelecimento das nossas doutrinas, foi de confirmação do seu valor bíblico, mais do que de formulação extra bíblica de alguma doutrina.

Para ajudar a compreender esse papel profético de Ellen G. White, iremos procurar mostrar como funcionou e funciona este mi-

nistério confirmador, durante os próximos artigos desta rubrica. Nesse sentido, deixamos, desde já, o desafio aos nossos leitores para formularem, junto da redação da *Revista Adventista*, alguma dúvida que tenham em relação ao que acabámos de expor. Pois, com a ajuda do Espírito Santo, procuraremos responder a essas dúvidas num dos nossos próximos artigos.

1
Seventh-day Adventist Church Manual, 2025, p. 111.

2
Ellen G. White, *E Recebereis Poder*, p. 123, Publicadora Atlântico (2001).

3
Seventh-day Adventist Church Manual, 2025, p. 111.

4
Números 12:6; II Crônicas 20:20; Amós 3:7; Joel 2:28 e 29; Atos 2:14-21; II Timóteo 3:16 e 17; Hebreus 1:1-3; Apocalipse 12:17; 19:10; 22:8 e 9.

5
Temos o caso de Enoque, citado por Judas (Judas 14), Débora (Juizes 4:6-7), João Baptista, citado nos quatro Evangelhos (Mateus 3:2, Marcos 1:7 e 8, Lucas 3:16 e 17; João 1:15-18), e Ana (Lucas 2:36-39). Só para citarmos alguns.





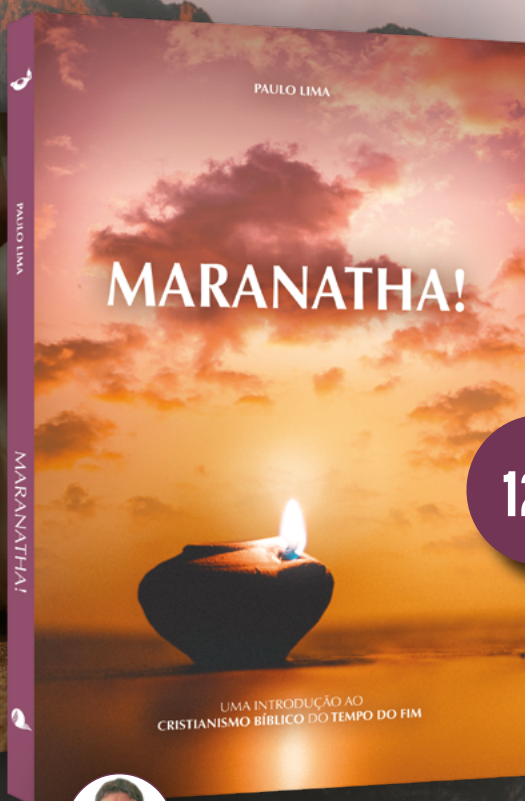
Adquira já!



10€



AUTOR:
Roberto Badenas



12€



AUTOR:
Paulo Lima